ANTHERO DE FIGUEIREDO

Comicos

Novella de theatro

*

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132, RUA DO OURO, 138

1908

Comicos

Do mesmo Auctor

Tristia	1 vol.
Além	1 vol.
Partindo da Terra	1 vol.
Palavras de Agnelo	1 vol.
A Estrada Nova (Peça em 3 actos) . .	1 vol.
Recordações e Viagens	1 vol

COMICOS

Ha annos que o unico jornal português que leio é a *Trombeta de Valezim* — «semanario politico-social» que faz as delicias do meu jantar, aos domingos, pela volta das onze. Por elle ando a par dos grandes erros politicos de Bulow, de Combes, de Chamberlain, e antevejo desastrosos destinos á intellectual Alemanha se o imperador Guilherme teimar, como teima, em não nortear a sua politica pela que, tão generosamente, lhe aponta a *Trombeta de Valezim*.

Num destes ultimos domingos, esfarelava eu a minha brôa no caldo verde que

a Snr.ª Camilla me puzera a fumegar debaixo do nariz, quando os meus olhos, esguelhados para as columnas da *Trombeta,* tocaram numa noticia que me chocou: — um telegramma do Rio de Janeiro dizia haver fallecido no Pará a actriz portuguêsa Regina Gomes. Já me não soube o resto do caldo; e o peixe frito e a fresca salada de batatas, muito carregada nos coentros e na pimpinela, pô-la de banda um enfadado gesto meu. A Snr.ª Camilla, que andava á roda da mêsa, mais a côcar que a servir, não se teve que não dissesse:

— O senhor leu no papel coisa que lhe não calhou!

Levantei-me, fiz um cigarro, e a velhota, limpando as migalhas, olhava-me de soslaio, resbunando:

— Assim nem o comer lhe presta!

Eu pensava não na morte dessa mulher, mas na desgraçada aventura em que ella envolvera um querido amigo meu; e de novo tomei o jornal e reli a noticia, pro-

curando, dentro dessas duas linhas, esclarecimentos mais largos; e reparei, com espanto, que o jornal era de agôsto de havia três annos!

— Snr.ª Camilla, este jornal é velho!

— Que sei eu, meu senhor!

— Que sabe?!

— Disse-me que os não perdesse, que os queria ler... — tenho um maço delles na dispensa.

— Sim, mas eram os outros que veem todos os domingos.

— Vem o quê?! Ha um rôr de tempo que o rapaz do leiteiro não deixa ahi papel nenhum. E como eu o vejo rir ao senhor...

— Valha-a Deus, Snr.ª Camilla!

— E valha, que bem preciso.

E foi-se pelo corredor, com o prato do peixe, e o maltês, rabo no ar, a agarrar-se-lhe ás saias.

Eu a pensar que andava em dia com a politica internacional!

Foi um rapido momento de bom-humor, pois logo voltei a ruminar o caso, revendo diante de mim todas as scenas desse drama em que tambem representei o meu papel: — o da inutil e imbecil intervenção! Fui para o meu quarto e, olhando um pequeno cofre que continha alguns papeis e muitas recordações do meu querido João Eduardo, veiu-me, derepente, uma dura vontade de traçar um relato — conto ou novella — da vida deste meu amigo; e tanto este caso de alma era cheio de intensidade e de pittôresco, que o proprio facto de eu nunca ter sido escritôr de profissão, e de ha muito estar deixado de escrever para publico, me picava a gana de atirar para fartos linguados de papel a minha lêtra de cabouqueiro, rija e independente, certo de que atinaria. Lembrando-me, porém, de que João Eduardo me mostrara, em tempo, uma especie de «diario» dos seus amores, pensei melhor e resolvi obter essas curiosas paginas, orde-

ná-las e publicá-las. Então, antes de me deitar, escrevi para Barcellos ao meu amigo Luciano, pedindo-lhe para me deixar imprimir uns interessantes papeis do primo, que eu sabia estarem em seu poder — agóra que a Regina Gomes desapparecera. Já estava na cama, quando senti que a Snr.ª Camilla, decerto pensando tratar-se de coisa urgente, fôra ao palheiro acordar o Antonio hortelão para correr de madrugada á Feiteira ao encontro da rapariguita que, dessa aldeia, todas as manhãs leva ao comboio o saco do correio.

Dias depois respondeu-me esse amigo:

«Recebi a sua estimada cartinha e admirado fiquei de me dizer que eu tinha em meu poder papeis que suppunha estarem em mão do Snr. Silva Magalhães, de Lisboa, porque quando lhe morreu o padrasto me escreveu dizendo que encontrara no cofre delle um pacote que dizia pertencer a meu primo. Respondi-lhe que breve-

mente iria a Lisboa e os traria. Depois, meteu-se aquillo da transferencia e a primeira vez que lá fui, ha mêses, não encontrei o Snr. Silva Magalhães que andava pelo estrangeiro com a senhora. Imaginei que se tratava desses, mas hoje tanto procurei que encontrei esse maço que envio pelo correio, registado.

Publique o que quizer, pois não vejo nisso mal nenhum, visto a Regina Gomes ter fallecido (eu não o sabia) e terem passado um bom par de annos e com elles o esquecimento da desgraça do meu pobre primo. Mas peço-lhe que arranje as coisas de maneira que se não perceba de quem se trata, porque sempre me custa, e, alem disso, tenho filhos homens que será melhor ignorarem certas passagens da vida do parente.

Não sei o que tenciona fazer, mas estou que acompanha os papeis de explicações. Acho bem, porque essa historia, bem contada, dá que pensar, e ha de aproveitar a

muitos que se podem mirar nella como num espelho. Olá se podem!

E o meu amigo como tem passado, nesse deserto para onde fugiu sem mais querer saber cá da gente? Parece que o mundo lhe fez mal! Pois olhe que esta vida não é tão má como a pintam! Barcellos é hoje uma villa que não fica a dever nada a Guimarães. Nós todos nos temos dado muito bem, e a pequenada medra a olhos vistos. A vida aqui não é cara e o lugar rende mais uns bons pozinhos. Minha mulher agradece os seus cumprimentos e retribue.

Disponha sempre do seu velho amigo e muito obrigado

LUCIANO RODRIGUES JUNIOR.

P. S. — Esquecia-me dizer-lhe que nos nasceu ha um mês uma menina. E' mais uma criada ás suas ordens. O ranchinho augmenta todos os annos: já cá temos

nove. Não ha muito que lhes dar, mas como todos teem saude é o que se quer.»

Fazendo a vontade a este meu amigo, comecei por substituir por outros os nomes que vinham na carta e, depois, os do manuscrito; e eu proprio me mascarei com o de Manoel do Monte! Só um ficou inalteravel: — o da Snr.ª Camilla, especie de Maria do O' da *Triste Viuvinha,* que ninguem conhece, alem de meus filhos e das três ou quatro pessoas que veem cá por casa. Esta santa criatura, que, aliás, tem um genio levado do diabo, é hoje em dia a minha cozinheira, a minha engomadeira (brunideira, pois ha annos que não visto camisa engomada) quem me trata da roupa, quem me olha pela casa, quem me governa o dinheiro e tambem a unica pessoa neste mundo que ralha commigo... E o que seria de mim sem as suas descomponendas!

Fica, portanto, guardado conveniente-

mente o incognito que o primo me pede; mas a respeito de explicações e commen-*tarios*, daqui respondo ao meu amigo: nenhuns. Commentarios! Ainda agora você ahi vai! Parece-se, ás vezes, com seu *primo* nas ingenuidades! Quereria, talvez, que fizesse resaltar dessa enfiada de erros, de amarguras, de desastres, lição proveitosa a quem quer que fosse que, por desventura, um dia se encontrasse em vespera de similhantes perigos? Isso seria coisa tão inutil como dizer a uma criança que não brinque, ou a um velho que não medite. Nestes assumptos, as lições alheias de nada servem, pois só as proprias aproveitam: — para compôr a cabeça é preciso rachá-la primeiro. Depois, meu caro, nisto de paixões somente as entende quem passa por ellas, ou, como diz aqui o tio Rossas, só sabe dizer ai! quem lhe doe; por isso não me meterei a discutir os amores do meu querido João Eduardo porque, embora muito o conhecesse, penso que ninguem

saberá entrar em intimidades de sentir, mormente quando se trata de almas que saem para fóra do feitio normal, ou melhor, commum. Remei o que pude para desviar de um sorvedoiro um amigo; mas depois, vendo que nada, absolutamente nada conseguia, cruzei os braços e esperei que as coisas corressem o seu natural fado!...

Eu poderia, na verdade, reconstituir tal periodo de amores, servindo-me, alem das paginas dessa especie de «diario», do que elle me disse, do que me escreveu, do que me contou Regina, emfim, do que me chegou aos ouvidos. Não quero. Certas commovidas intimidades, ao serem recompostas, soffreriam, fatalmente, graves desvios. Em materia de sentimentos não sabemos senão daquelles por que passamos, e não no momento em que os sentimos mas, tempos depois, quando, desinteressados, nos consideramos; e as analyses que fazemos dos outros são, por

via de regra, conjecturas e interpretações cheias de nós proprios.

E' provavel que esta historia, contada assim em fragmentos, fique mal contada. Prefiro isso — prefiro esse vago — ás minhas analyses esclarecedoras, em que, repito, não confio. Portanto deixarei o João mostrar-se pela sua propria bôca, pela sua propria mão — no que me disse e no que deixou escrito. Pena é que o «diario» fosse em grande parte inutilizado e as cartas (eram dezenas!) tivessem desapparecido, porque isso, sim, era incomparavelmente mais interessante do que tudo que eu lhe podesse ajuntar, explicando. Intervirei, pois, somente para desenvincilhar o fio dessa meada de situações que, no conjunto, mostram duas almas soffrendo o inferno do amor-paixão; e intervirei o menos possivel para que a prosa calma e o espirito impertinente de um placido sujeito que vê o caso a frio não choquem o delicado expressar

de almas ingenitamente saturadas de romanticismo!

Porem, se me perguntasse porque publico estas notas (sufficientes, aliás, para definir almas e situações) dir-lhe-hia summariamente: pela porção de vida que ha nellas; e a vida, como diz Nietzsche e o meu caseiro, é coisa de muito respeito. Trata-se de um desequilibrado de sentimento! João Eduardo é bem uma criatura latina atrasada no attingir verdades que só a intelligencia serena conquista. A alma desse rapaz é um curioso erro romantico, e exemplar typico do fatal amor português, embora sem novidade (no emtanto, novo) pois no giro das paixões da vida não se faz senão recomeçar—«des recommencements», como diz Bourget. Nestes assumptos de amor, o que poderá interessar é o caso, porque só elle aclara as differenciações dessa materia tão sabida e... tão ignorada. Este é mais um a ajuntar a ou-

tros lidos todos os dias nas noticias dos jornaes, ou fixados na literatura em autobiographias de autores conhecidos que, por pudor, se mascaram para mostrar sentimentos proprios fingindo ser alheios. Outros virão — todos os dias — porque a legião dos «ultimos romanticos» renasce em cada geração: — o atavismo das idealidades extraplanetarias é demasiado persistente para deixar de ir até o final da raça.

Por outro lado, trata-se de uma alma de mulher, interessante mas estragada pelo desamparo em que a educaram, a conduziram, e pelo meio de theatro estonteador e criminoso, em que vivia; o que tudo lhe dava, a meu ver, absolutoria e sympathica irresponsabilidade. Amaram-se e não se entenderam, porque, na verdade, não se podiam ter entendido. Dahi, o conflicto.

Porque o assumpto tem laivos romanticos, pretendi pôr a esta anecdota (?) um

titulo á laia dos de Feuillet, com muita tólice devaneadora dentro, que dissesse todo o latinismo — toda a lastima — de uma raça insistente em ver a vida através de sentimentos, e em guiar-se por instintos paixonaes criadores de enganos. Mas não escolhi tal titulo (já tinha parado diante de uma *Triste cegueira*, de um *Erro de amar*, de uma *Miseria de amor)* porque a minha bôca, experimentada, fugia para um outro titulo que tivesse em si o commentario ironico á eterna mentira vital; e foi a Snr.ª Camilla quem, mais uma vez supprindo as minhas deficiencias, me deu esse que o livro leva — uma tarde, quando ella ouvia ler ao meu criado Manoel a noticia do desgraçado fim de João Eduardo, relatado com pormenores num jornal de Lisboa. Para toda essa minuciosa e triste narração, a Snr.ª Camilla só teve um commentario, um apenas:

— Sabe o que lhe digo, Snr. Manoel? — e poz-se a olhar reflectidamente, batendo

as palpebras, para os olhos interrogativos do pasmado Manoel. — Sabe o que lhe digo, Snr. Manoel? — Comicos! Comicos!

E disse tudo. Disse o que não seria capaz de explicar; disse o que dizem, instintivamente, os genios, antevendo grandes verdades; mostrou o facto e apontou as causas; commentou, riu e chorou das miserias da farça da vida neste palco em que todos somos actores, mesmo os Rabelais que mais riem na plateia.

Comicos! Comicos!

II

Nos papeis de João Eduardo não se diz como principiaram os seus amores com a actriz Regina Gomes do theatro da Trindade. Tambem eu não sei ao certo como isso foi, nem tal tem importancia; mas sei em que estado de espirito estava o João, quando esse encontro se deu, e que devera ter sido nos principios do inverno de 189..., semanas depois do seu regresso de Italia para onde tinhamos partido em setembro desse anno — viagem que mais agravou a doentia tristeza do meu pobre amigo. Fui eu quem lh'a aconselhou, vendo-o, nesse verão, morrer de fastio

pelos inhospitos hoteis das nossas estações de aguas. O seu coração andava ao tempo embrulhado numa aventura de que não era facil sair escorreito quem, como elle, misturava o amor com o brio, e os desejos violentos com a perfida lubricidade das vagas purezas a que, romanticamente, chamava «ternura dos sentidos». Deste bêco sem saida, consegui tirá-lo, arredando-o para longe do fogo em que gostosamente se queria queimar; isso dissipou-se, e o residuo de suave saudade que ficou, foi ajuntar-se a outros residuos de amor que desde os dezoito annos o vinham envenenando e mal dispondo para viver.

João era de estatura media; tinha, sobre um pescoço delgado, a cabeça accentuadamente bombeada nas fontes; e sorria com agrado. Entrara nos trinta, mas o seu lyrico temperamento de idealista soffredor dava-lhe aos commovidos olhos castanhos, á face branca e á incerta

bôca em sombra, a descoberto sob um longo bigode corredio, as expressões de cansaço, e os alheamentos dos que vivem, fóra do tempo e do espaço, em sonhos picados de deleitosas dôres que voluntariamente alimentam. Era um meigo de primorosas maneiras, culto, nervoso e feminino, a quem eu, como Liszt a Chopin, chamava «principe»; mas porque elle tinha a alma tecida de idealidades e a agitá-lo a sensualidade melancolica dos temperamentos voluptuosos e fatigados, eu soffria legitimos receios de que os sentidos e a phantasia pregassem ao João uma peça de estalo, tanto mais que havia a temer nelle o arrebatamento dos seus impulsos e a cegueira da sua encantadora ingenuidade. Este poeta tinha, como artista que era, a mioleira cheia de fórmas, e, como pensador, enchumaçada de criterios metaphysicos, guiando-se por leis que a sua emotiva concepção da vida criara e o lançavam em permanente diatribe con-

tra a sociedade como a encontrava constituida; e a tolhêr tudo a mulher, saias e ternura—eixo á volta de que giravam seus sentimentos e sua ancia de carinho, para lhe não chamar por um só nome: seu forte instinto de amor. Por isso, vinha amando sempre, fragmentariamente, ás meias horas, por assim dizer, mas, ás vezes, com a tempestade das paixões perturbadoras. Isso passava, e logo caïa noutra situação em tudo analoga á anterior, mas que lhe parecia mais segura que a ultima, definitiva, e que, realmente, era... como as outras! E assim o seu coração, de ancia em ancia, tinha amado muitas mulheres que é como quem diz: nenhuma tinha amado. Eram amores, não era amor. Não era ainda «aquelle feroz egoismo, aquelle rigoroso instinto de propriedade», no dizer nietzscheziano. O João nunca tivera até alli a imagem precisa e preciosa da mulher que devia amar. Não tinha tido o intolerante querer que busca uma s

mulher; pelo contrario, essa imagem era confusa, e por isso se enganava sempre, como quem a todos os momentos julga encontrar na multidão desconhecida a pessoa que procura. E eu, repito, temia pela hora em que chegasse esse «primeiro amor» que, em taes feitios, é sempre primeiro e ultimo.

João vivia triste, perturbado e, por vezes, impaciente, pois mais fatiga o ideal que a verdade. Suas phantasias poeticas, suas leituras insadias, o culto esgotante de si proprio amando-se nos seus proprios amores, a intensidade nervosa que punha no alimentar-se de arte, iam até as primeiras fadigas da nevrose. A isto junte-se o mal de ser rico, e a ausencia absoluta de uma superior preocupação que o solicitasse na vida, produzindo as nobres energias do bem; e eis como estava a alma desse meu amigo que uma tarde em Roma, diante da Venus capitolina, me dizia:

— «Se isto é belleza não a sinto. A se-

renidade da forma estupidifica-me, como a honestidade me gela. Prefiro os narizes arrebitados das mulheres de Cheret, ou as coxas das *Dianas* de Falguière, cheirando a peccado.»

Mas de outra vez, numa branda tarde de sol poente, sobre a Via Appia, psalmodiava, olhando ao longe as ruinas do aqueducto de Claudio — leves como se fossem de fumo azul:

— «A luz destas tardes romanas tem afagos de irmã; mas eu soffro por não poder ouvir aqui a meu lado a voz de uma mulher que eu amasse!»

E tudo o que então lhe disse não conseguiu levantar-lhe do chão os olhos vagos...

A licença, que o meu velho amigo Pereira me tinha obtido pelo Ministerio das Obras Publicas, terminara, e eu tive de entrar em Portugal, e, confesso, já tinha saudade das minhas botonas tachadas, do meu chapeirão desabado, dos meus traba-

III

Parti para Lisboa; e na mesma tarde do dia em que cheguei jantámos juntos, o João, Regina e eu, no «Bragança».

Elle veiu buscar-me ao «Borges», ao anoitecer, e fomos indo devagar pela rua do Thesoiro-Velho. O João ia calado, pois já o pudor de taes amores o intimidava, e duvidas o ensombravam. No «Bragança», perguntou ao porteiro se a Snr.ª D. Regina Gomes já tinha vindo; e como elle respondesse com um desatencioso — «ainda a não vi por ahi» —, subiu, molestado, e foi procurá-la no salão. Não estava.

Entrámos no gabinete. O João vestia

casaca e, como sempre, irreprehensivel. Passara uma longa meia hora, quando a porta se abriu e a Regina, apparecendo com o espalhafato da sua *toilette* theatralmente vistosa — uma grande capa de baile, branca, adamascada, com rendas e arminhos, e saia de seda amarella adornada de flores e lentejoilas — nos disse de lá, o gesto largo e a cara a estalar de alegria e de garotice:

— Ora viva a bella da sociedade!

Entrou, atirou enrodilhadamente a luxuosa capa para cima do sofá, e correndo para mim passou-me os braços ao pescoço, deu-me um beijo repenicado, ficando-me sentada nos joelhos, ás cavallitas, como uma criança!

— Oh patife, que não ha quem te ponha os olhos em cima! exclamou ella. Que tens feito, que tens feito? Espera: estás mais queimado, mais barbado, meu velho! — e metia-me os dedos na barba grisalha, e apalpava-me as rugas da cara.

Regina na almofada a governar, cantarolando, um chapéu de homem na cabeça, ás três pancadas, e dentro criados de cambulhada com janotas, titulares e caixeiros; e lá ia tudo, de batida, para as estradas mortas de Nevogilde e de Ramalde. Outras, na completa miseria — sem um vintem para o dia seguinte. Joias, vestidos e trastes no prégo; e comidos os ordenados de seis mêses adiantados! Mas sempre igualmente alegre e cegamente confiante no «Deus dará», esperando que do céu caisse, de um momento para o outro, o dinheiro que a viesse tirar de apuros. E caïa!

Apesar desta vida de tolice, os seus vinte oito annos eram frescos, viçosos mesmo, e, coisa rara, com um quê de ingenuidade infantil nos olhos e no todo da expressão que era de uma mobilidade infinita — verdadeira mascara de theatro para vincar a dôr aguda, alastrar a placida bonhomia, ou desfazer-se em desmanchadas gargalhadas communicativas, que ella dava como

ninguem, porque ria com tudo: com os olhos, com a face, com a bôca e com gestos. Por isso, os papeis de opereta que lhe distribuiam, e que as collegas se limitavam a compôr no figurino decorativo das *toilettes* canalhas, das botinas lascivas, dos penteados sensuaes, do busto bem decotado, da gaiatice de saber pôr vicio no sorriso, rebolar os olhos e torcer a bôca em simulados espasmos, mordendo os beiços escarlates com os dentinhos brancos; os papeis de opereta via-os ella por dentro, pondo instintivamente quanto podia de caracter nessas figuras leves; e, assim, esses *biscuits* de opera-comica, incarnados nella, ficavam com alma, riscando-lhes traços, de dôr ou de alegria, prontos e certos. A sua voz, embora pequena, era cheia de côr e de expressão — o que dava ao todo do papel um poderoso relêvo que surprehendia, pois ninguem vai á «Trindade» para ver representar, mas sim para ver pernas...

E tudo isto era o que constituia o principal interesse da sua figura, que, não sendo bella, era attrahente pela graça e vivacidade do conjunto. Como os cabellos, tinha os olhos castanhos, de um brilho metallico, e olhava poisando de leve o olhar, como as crianças que perguntam sorrindo — sorriso nella auxiliado pelos fundos cantos da bôca nitidamente cortada, regularissima, que mais denunciava as commissuras brejeiras da sua face asymetrica, e da fuga intelligente de uma sobrancelha mais alta, picando de malicia e de esperteza o olho esquerdo levemente mais fechado.

Appetecia ter entre as mãos e afagar a sua pequena cabeça, feita numa modelação facil a que o cabello cortado dava o ar de cabeça de garoto napolitano; e a testa curta, penujosa — de rapaz, tinha o bico do cabello muito riscado e simples. O corpo era miudo, proporcionado, de curvas lentas e ancas androgynas como as das

figuras antigas das mulheres egypcias. Ao abeirar-se della, nada denunciava superioridade a não ser as mãos acentuadamente pessoaes: sêccas, brancas, leves, riscadas de veias finas, eram em extremo impressionaveis nos dedos nodosos, longos, muito soltos e independentes, sobretudo o dedo pequeno que se afastava dos outros, intelligente e voluntario. Escutava com ternura, inclinando levemente a cabeça disposta á acquiescencia e ao agrado; e este ar fresco de bondade espontanea mostrava o quanto, apesar de tudo, era fundamentalmente bem moldado o arcaboiço daquella alma terna e doida.

Corriam mil anecdotas a respeito de Regina; e já a lenda tomara conta dellas para as exagerar no bom e no mau. Casos de simples generosidade, elevavam-se a nobres acções; maus procedimentos contavam-se rebaixando-a a vilissimos actos; e o mesmo era para os seus ditos, para as suas troças, para os seus cynismos, para

as suas esmolas, para os seus expedientes de dinheiro ou para as suas saídas de espirito. Exageros. No emtanto, o feitio della era mais ou menos esse: altos e baixos, bom e mau, lama e estrellas, acceitando-se della o que fosse anormal para o bem ou para a asneira. Mas como punha em tudo em que se metia a intensa vida de mulher nervosa e impulsiva que era, as suas acções desnorteadoras tinham o pittorêsco do imprevisto, do raro, e dahi o attractivo que a sua existencia despertava. No meu intender, uma criatura incerta e vesanicamente tresmalhada, mas interessante e perigosa. Homens meus amigos, que viveram com ella, contavam-me, a rir, as suas mais endiabradas tolices, mas tambem me contavam, commovidos, dedicações rasgadas ás quaes se seguiam, em regra, ruidosas e disparatadas traições.

O Dr. * * *, que ninguem supunha capaz de uma escorregadela, e que se ia apaixonando por ella nos intervallos de um tra-

tamento para que Regina o chamara, dizia com graça:

— Não é uma mulher, é um trapezio! Segurem-se no balanço, rapazes!

Eu, pensando em tudo isto, e ainda numa recente e escandalosa embrulhada em que tive de intervir e levara á ruina uma boa familia — ruina causada pela Regina com tal inconsciencia que, tenho a certeza, nem um momento se detivera a reflectir em tanta desgraça; pensando em tudo isto, estava vendo, com tristeza, o João preso della, nesse jantar que Regina enchia de ditos, de gargalhadas, de trejeitos, de momices, e tambem de scenas da sua vida de miseria, que para alli trazia, talvez por adivinhar, instintivamente, ser esse o lado mais interessante para prender o romantico João, cuja alma a essa hora, com quinze dias de relações, já era mais sua conhecida do que nunca para elle seria a della.

Regina começara por fazer grandes elogios ao *menu*, protestando que não ficaria alli migalha, «que estava com fome canina»; mas, á medida que os pratos foram vindo, logo começou a torcer o nariz, e pouco mais fazia que debicar. O João inquietara-se e ella explicou:

— Oh filho, é deste gabinete. Tudo negro, tudo grave — detesto!

Na verdade, predominavam os tons escuros no mobiliario de carvalho, nos pesados reposteiros de veludo, no papel das paredes, imitando antigos coiros lavrados.

— Até me tira o ar. Credo! Antes me quero nas hortas!

— Mas, minha filha... dizia o João desasocegado.

— Tenho aqui um talo, disse Regina pondo as mãos no peito, em cima, na raiz do pescoço.

Levantou-se; e, sem mais reservas, abriu o cós da saia, desapertou a blusa, tirou o espartilho e escondeu-o por debaixo da

capa que estava enrodilhada num canto do sofá. Ao passar em frente do espelho, arranjou o cabello e, vendo flôres, abriu um pouco o corpo do vestido, que era, como a saia, de seda amarella com rendas e lentejoilas de oiro, e meteu na abertura duas rosas-chá, que segurou com uma grande setta de aguas-marinhas.

— Agora, respiro! Vamos a isto, disse ella.

Sentou-se e pediu que lhe atulhassem o prato de almondegas de lebre; mas o appetite não augmentou. Derepente, disse:

— Vocês sabem o que me appetecia agora? Vinha a calhar!

— Dize.

— Eram sardinhas frescas, assadas na brasa!

Chamou-se o criado, mandaram-se assar sardinhas, e de ahi a pouco Regina comia-as á mão, em cima de um naco de pão de centeio, pinçando-as com as pontas dos seus dedos intelligentes, scintilan-

tes de anneis de pedras verdadeiras e falsas. Ria como criança, toda besuntada de azeite, emquanto o João, sorrindo, doce e intimamente feliz, esburgava uma perna de galinhola trufada.

A' segunda sardinha, Regina considerara-se «farta», e arredou de si o prato, enfastiada. Com o seu garfo, tirou da saladeira rabanetes e chicoria; e, num fundinho de Collares, duchou o siphão, atabalhoadamente, enchendo derepente o copo, a estravasar vinho pela toalha. O criado, grave, silencioso, arredou os copos e poz um guardanapo limpo; mas já os olhos garotos de Regina sorriam para um prato — um pudim branco, gelado.

— Vocês deixam-me fazer uma coisa que eu gósto tanto, deixam?

— Que é?

— Meter os dedos neste senhor?

Num instante, cravou dois dedos no pudim e, retirando-os depressa, ficou-se com o dedo na bôca, a olhar-nos de es-

guelha, com momices de criança travêssa e amimada que, sabendo que faz mal, espera, submissa, os ralhos merecidos.

O João sorriu; e eu tinha havia muito desapertado o cós das calças senão estoirava a rir!

Puxada por mim, entrara em revelações de bastidores, pondo muita calva á mostra, e pelas ruas da amargura as collegas, com os seus cabellos pintados, dentes postiços, maus halitos e os chumaços dos *maillots* mentirosos. Não poupava os homens: dizia os nomes dos que viviam de senhoras da alta sociedade; e de outros contava intimidades e miserias.

O João sorria verde, enjoado. Ella olhava-o, comprehendia-o, e, verdadeiramente maguada, dizia-lhe, quasi chorosa:

— Desculpa, filho! Então..., e acariciava-o com o olhar. E para mim:

— Sou uma estouvada, e este rapaz tão delicado e tão bom!

Mudou de assumpto, sinceramente com-

Subito, limpando os olhos com força, de raspão:

— E esta? Que linda sobremêsa vos estou a servir! Então não ia pôr-me a carpir as «dores de uma infeliz!» — trauteou no tom do fado da Moiraria!

Levantámos-nos. E ella:

— Vamos-nos embora! Tristezas não pagam dividas! e poz-se em pé.

Escorropichei o meu cognac. O criado trouxe a conta. Regina pediu-lhe um jornal para embrulhar o espartilho; e, com a figura fatigada da tristeza de que procurava sair, foi arranjar o cabello ao espelho e compôr com graça o laço das fitas do seu chapéu á Directorio, como então se usava, prendendo-as por debaixo do queixo, dando á sua cabecita o ar simples de bebé!

Saímos calados. Na rua do Thesoiro-Velho, um cocheiro estacou a parelha:

— E' preciso alguma coisa, meu frèguês?

João perguntou:

— Regina, aonde queres ir?

— Para onde haja ar, onde se respire, que eu suffoco!

Hesitámos um momento. Ella, subitamente:

— Ah, já sei: vamos á Feira de Alcantara ver os fantoches!

E subiu toda contente para a tipoia aberta.

Eu fui para o Coliseu para poder fumar e estar de chapéu na cabeça.

IV

Os dias que me demorei em Lisboa foram de rijas escaramuças entre mim e o João, no 39 do «Hotel Borges». Nada mais inutil! E ainda ha quem enfileire argumentos e lhes dê batalha para convencer amorosos! Afinal, aconteceu o que era logico que acontecesse: o João, ficando na sua, acabou por se zangar commigo e justificadamente, pois, em estado de alma como o seu, irrita deveras ver-nos analysados a frio por um qualquer — ainda o mais amigo.

Elle estava *rongé jusqu'à la moëlle par l'amour romantique.* A sua alma, feita

de abstractas ideias de inteireza, queria reconduzir a sociedade, cujas normas o entristeciam, á formula pura que a sua imaginação isolada visionava. Adorando Regina e elevando-a pelo amor, intendia a um tempo protestar contra o meio social que contribuira para a sua queda, e dar altivo exemplo de, afrontando preconceitos, fazer o mais nobre uso das suas qualidades de homem forte e amoroso. Eu sorria bem humorado, fitava-o com arreganhado aspeito, batia-lhe corajosamente no hombro, e, declamatorio, gritava-lhe no meu vozeirão:

— Bravo, menino! E é para a frente!

Mas já não ria vendo-o concertando planos definitivos de pôr nessa mulher, que não devia passar de um pittorêsco incidente da sua vida, as nobres ideias da construcção da felicidade. Eu conhecia a sua forte capacidade de illusão, e quanto era tenaz no absorver-se em certos pensamentos; e isto assustava-me, como o saber

de perto a fragilidade em que a sua alma se encontrava, cheia de incertas nostalgias, e fugida aos tormentos da solidão — o que tudo era terreno apropriadissimo aos desalinhos que podessem vir do encontro com similhante temperamento de mulher.

Mas eu não tenho (nem sei como chamar-lhe!) não tenho coragem de repetir aqui o que então lhe sermonei — agora que os factos me mostraram a esterilidade da prégação; mas reproduzo uma carta minha, escrita dias depois de chegar a Vizella, encontrada nos seus papeis.

«Meu caro João:

Disse-lhe, á minha saída de ahi, que lhe escreveria uma têsa carta — ultimo cartuxo daquella furibunda barricada de outro dia. Ella ahi vai, dura e brutal, como intendo do meu dever. Você fará o que lhe aprouver.

O nosso desacôrdo não é por eu ser um

arrefecido e você um feroz idealista ardendo em fogo sagrado. Não. Eu é que já andei o que desejo que você nunca ande!... Não perca as illusões. Quando a vida dolorosa nos quebra as actividades organicas, as psycologicas vão-se atrás dellas que é mesmo uma miseria! Tudo nos foge, e ficamos diante de leis, cosmicas e physiologicas, intransigentemente irrefutaveis. E a tristeza que estas frias conclusões nos causam só se comprehende bem quando se é pai de filhos, porque forçoso nos é abstrahir por completo de nós e considerar no problema da vida, resolvendo-o a favor dos que tanto amamos. Então, e só então é que comprehendemos a profunda affirmação do philosopho — da necessidade de illusão, e somos os primeiros a ambicionar para os nossos filhos o eterno sonho do amor, a eterna nobilitação da vida. Por isso, continue com a sua illusão, ou o que se chama illusão que, afinal, é a propria vida, sob a for-

ma a mais bella e fecunda. Mas o que desejo é que colloque alto essa aspiração de ideal feminino. Ora a Regina... é a Regina! Isto é, um producto morbido de varias degenerecencias. Uma alma interessante, não ha duvida, mas por tal fórma contaminada que não ha sôro de poesia ou de nobres intenções que a regenerem. «Et, somme toute, elle n'en vaut pas la peine!» Meça bem o abysmo para que pende, e defenda-se. Fuja ás sete partidas, que é tempo ainda. Amanhã, não sei a que miserias descerá!

Aqui fica a minha maneira de sentir, brutalmente, pão pão, queijo queijo. E' duro de dizer isto a um amigo; mas perdoe o meu aspero dogmatismo pela grande sinceridade que ha nelle.

Amigo certo, etc.»

....

O João nunca respondeu a esta carta.

V

Passaram-se mêses; e emquanto eu me atirava ao trabalho enrijando a espinha que tantos pontapés pretenderam avergar, o meu ingenuo João, de braço dado com a cegueira, desperdiçava illusões e construia a sua ruina.

Eu queimava o cachaço e arejava a alma na tarefa pesada e sadia de passar horas seguidas ao ar livre, desde o nascer ao pino do sol, estudando traçados, reconhecendo cotas de nivel e vãos de ribeiros a vencer.

Então, e apesar de tudo, a minha philosophia era facil e bem humorada para as

môscas de Vizella, para os cavallos minhotos que não andam nem para cima nem para baixo, para os influentes eleitoraes que, nas imperiaes das diligencias, tagarelam farolices de alastrada importancia, e até era benevolo para os estoicos colxões de ennodado folhelho, duros como trezentos milhões de diabos! No emtanto, estava ainda longe de chegar a esta liberdade de não usar gravata, de raros mil réis gastar com os rudes aljubeteiros desta aldeia, que nos vestem de aspero «nacional», á falta do obsoleto chamalote das ordenações Filippinas; longe de chegar a esta beatifica tolerancia para com os homens e para com os factos; a esta simplicidade em resolver problemas, cortando em linha recta, emancipado, emfim, das empecilhentas *nuances* — coeficientes da verdade — que todo o bom civilizado tem de delicadamente meter em calculo, antes de se decidir a uma solução. A' sesta, aturava esse curioso maluco do Nietzsche que

me abria, manso, o somno do «post prandium», quando não era o pessimista Schopenhauer — refugio das minhas mais crentes energias! Tambem a gôta me não entrara ainda pela alma; ainda não conhecia os homens pela lêtra; e os meus rapazes escreviam-me da Belgica, pondo sempre este tranquillo fêcho nas suas cartas apressadas: «A saude optima.» A' noite, passava da casa de hospedes da «tia Mariquinhas», onde nós os «homens da linha» nos albergavamos pela mysteriosa mensalidade de nove mil e quinhentos, vinho comprehendido, para a do meu amigo Mendes, e ahi nos atiravamos a um surdo e apirraçado bezigue, até ás nove horas em ponto. Este pacato homem — calvo, atarracado, surdo, quasi cego de miopia, contador de boas historias, chalaçudo e serio, sentencioso com espontaneidade, optimista por temperamento, feito na experiencia, sempre verdadeiro, bondoso com cautela e reservado por systema — era, na prudencia e

no senso commum, a mais bem acabada pessoa que tenho encontrado em dias da vida. Abancavamos; e elle, que sabia por mim dos amores do João, perguntava-me mollemente, mastigando as palavras, e sem tirar os olhos das cartas que nesse momento o interessavam mais que tudo na vida:

— Aquelle seu amigo de Lisboa ainda não terminou de correr o fado?

— Ainda não! berrava-lhe eu ao ouvido.

— Lamento-o, commentava elle, porque a coisa vai-se demorando; mas ha de acabar. Tudo acaba, tudo apodrece! — e mostrando a sequencia grande, dizia pausado, arrotando feliz:

— Duzentos e cincoenta, parceirinho! — e ageitava na mêsa, saboreadamente, as cinco cartas do gôrdo trunfo!

Estive assim muito tempo sem noticias do João que não respondia ás minhas es-

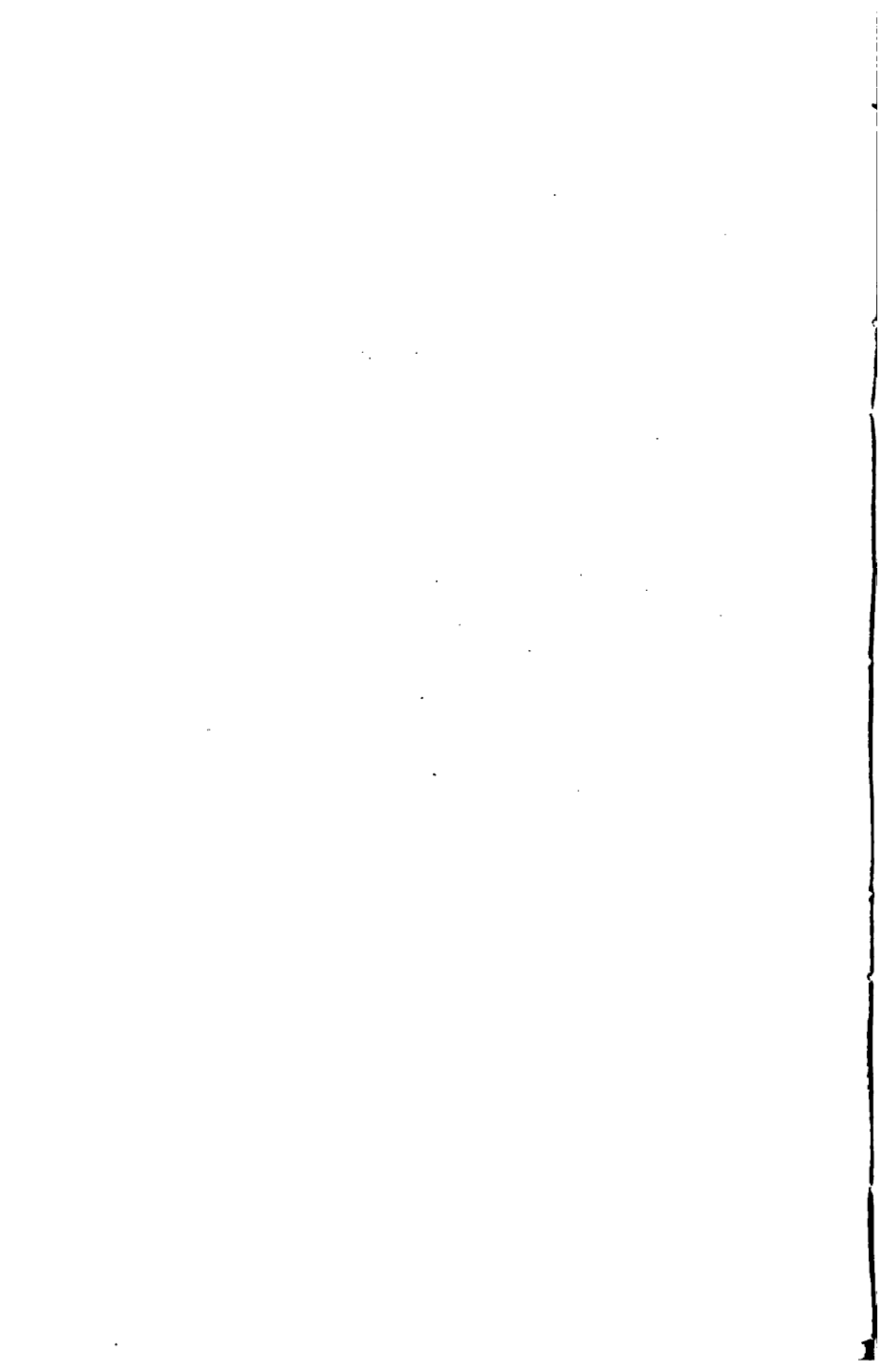
paçadas cartas. Um dia atirei-lhe este telegramma: — «Pas de nouvelles... mauvaises nouvelles! Que ha? Desembuche, homem!» — mas, como das outras vezes, fiquei sem resposta!

Correram tempos. Voltei a Lisboa. Esses amores continuaram. O João apparecia-me ora risonho, ora preocupado. Depois... deu-se o que eu previra: desastres sobre desastres!

VI

Esta manhã, depois de semear, numa leira do meu quintal, tiras de erva para esse coradoiro que ha semanas, diariamente, rabujentamente, me vem requerendo a Snr.ª Camilla que não leva á paciencia que as toalhas da minha mêsa e os lençoes da minha cama alvejem menos que a neve da Caramulo; esta manhã, ainda com as mãos encardidas de lidar na terra, desatei o maço que me tinham enviado de Barcellos, e abri o pequeno cofre das recordações amorosas do meu João. Havia ahi de tudo que é de costume haver em similhantes cofres: cartas, retratos,

ramos sêccos e mil coisas miudas (laços, fitas, bocados de rendas, ganchos de cabello) — fetichismos a que tanto apreço liga a alma quando ama. Logo me espantou a ordem perfeita de tudo aquillo, e maior foi a minha admiração vendo, através desses escritos de amor, o córte de uma prosa escolhida! Ninguem diria que estava alli dentro uma tempestade! Aristocratico temperamento esse que até no mais vivo da paixão conseguia ser elegante!

Na ordem que dei a esses papeis soltos (evidentes paginas de um livro) — papeis riscados de emendas, pois o amoroso artista sentia volupia em corrigir e apurar o relato e as analyses que em si fazia (— elle que perfumava, com os perfumes de Regina, o papel em que escrevia —) nessa ordem, guiei-me pelas datas e indicação do lugar, que João egoistamente punha por toda a parte, como se o tempo e o espaço existissem para o servir

Isto principiou a rir. Amor alegre não é ainda amor!...

Brincavamos: as crianças brincam com o mar, com o fogo, com a morte! A Regina era para mim a criatura presente: — um gostar feito de prazeres daquella hora; Regina era a alegria estonteadora, o coquettismo insinuante: — um gostar com os olhos.

Eu ouvia falar da sua vida passada, e ria; mas certa tarde, no «Tavares», ouvindo contar aventuras amorosas de Regina, senti-me molestado e empallidecer por dentro e dessa pallidez nascer uma

tristeza estranha — denuncia inevitavel da infecção do amor! Desde então, começou o meu olhar a andar de rastos pelas pedras das ruas e a minha alegria tão presa de cuidados, que nem parecia alegria...

*

* *

O que logo me attrahiu nella foi o incanto das suas dores desconhecidas!

— Se tu soubesses o que tem sido a minha vida?! Tanta miseria!..., dizia-me ella, ás primeiras conversas, presentindo nos meus olhos gôsto á tristeza.

E já a minha phantasia commovida via em Regina um lindo coração português correndo o fado dos amores desatinados e generosos. E já o tumulto das aventuras romanescas e a seducção dos passos perigosos me chamavam com seductor aceno!...

*
* *

Na madrugada desse dia de annos, entrei devagarinho no quarto de Regina que dormia com a cabeça lindamente posta na almofada de rendas que eu já amava. Commovido, cobri de rosas o travesseiro e a dobra do lençol; puz mãos-cheias de geranios na bôca do jarro da agua de que se havia de servir e na bacia em que se havia de lavar; espetei cravos escarlates nas ligas de seda que lhe morderiam as pernas, na camisa de rendas, nas perfumadas saias de côr, no espartilho lilaz e nos dentes lascivos dos pentes de marfim; e por cima da pelle de corça, onde ella, ao saltar da cama, poria os pés nús, despejei abadas de papoilas do campo. A Regina dormia e parecia sonhar, porque, de quando em quando, dava leves estremeções e ais

tão meigos que me appetecia beber-lh'os na bôca. Devagarinho, puz-lhe pulseiras nos braços e anneis nas mãos caídas com graça. Já a luz da manhã entrava leve. Escondido por detrás de um reposteiro, esperei. Vinham da rua os primeiros pregões, e uma carroça que passava fez estremecer os frascos do toucador. Regina acordou e espreguiçou seus lindos braços nús por entre as flôres que se espalharam pelo peito, pelos cabellos, pelas rendas e laços da sua camisa quente. Bocejou triste; abriu os olhos; e vendo-se no meio de flores, sentou-se repentinamente na cama, com um meigo sorriso agradecido:

— Que linda ideia! E' um incanto o meu rapaz!; e, ficando-se a olhar para os dedos cheios de joias e para a cama cheia de flôres, murmurou ainda:

— Um incanto, um incanto! E não quer acreditar que eu esteja doida por elle!

Depois, erguendo os braços, cerrando os olhos pesados de volupia, apertando os

dentes, apunhalou o ar com o silvo desta supplica raivosa:

— Quero-te! Quero-te! Vem já, já.

Deu um puchão ao cordão da campainha, saltou fóra da cama e correu á secretária. Neste momento, appareci. Regina voltou-se, assustada, e correndo de braços abertos para mim, semi-nua, beijou-me quentemente na bôca, sem poder pronunciar uma palavra — a bôca sempre na minha bôca — quasi desmaiada, embrulhando no meu o seu amor exaltado e commovido!

*

* *

Muito rogado todo o dia por bilhetes de Regina, lá me dirigi, nessa noite de annos, para sua casa — um primeiro andar na rua da Trindade. Bati; a *Fly* ladrou no corredor; Regina correu a abrir, muito afogueada e contente. Da casa de jantar

veio um confuso barulho de gargalhadas, de tinir de copos, de cantarolar. Regina ia-me arrastando pelo corredor, e eu, contrariado, rogava-lhe:

— Dispensa-me, volto mais tarde, quando não estiver ninguem...

— Anda, dizia Regina puchando-me pelo braço, não faças caso, é a minha familia e alguns amigos: elles querem conhecer-te! — E entrámos na casa de jantar.

Foi um reboliço: arrastar de cadeiras, vivas, risos e palmas! O pequeno aposento estava cheio de gente, de fumo, e as paredes carregadas de reposteiros, de ventarolas e de loiça das Caldas — de alto a baixo. Instalaram-me numa cabeceira da mêsa, e logo a actriz Paca, da «Trindade», que estava no outro topo, disse para mim, no seu sutaque espanhol:

— Então estas são horas de *usted* apparecer?

Ia responder, quando um homem alto, magrissimo, de longas barbas brancas e

olhitos de rato na face macilenta, se ergueu do seu lugar e, segurando um calice com gesto de garra de que nunca me esqueci, disse imponente:

— Este illustre cavalheiro vem muito a tempo de todos nós o brindarmos do fundo do nosso coração... E espalmou no peito, com furor, a garra esqueletica!

Todos levantaram as taças e berraram horrivelmente o meu nome, batendo com as mãos nas mêsas, batendo com os copos uns nos outros, entornando champanhe! Estendi o braço a uma taça que me offereciam, mas Regina, dependurando-se-me do pescoço, disse:

— Bebe pela minha, filho!

Levou aos beiços uma taça e, diante de todos, logo me passou para a bôca o golo de champanhe que ella tinha tomado.

Foi um delirio: rapazes batiam nos pratos e nos copos, infernalmente, e todos gritaram:

— Bravo, bravo, bravissimo!

Eu devia estar livido de vergonha! E nisto, um homemzinho, com cara de actor, de cabello em desordem, e peitilho estalado, serviu-se dos meus hombros para trepar, cambaleante, a cima de uma cadeira e, berrando o côro dos *Dragões de El-rei*, começou a borrifar champanhe por cima dos convivas, que logo o bombardearam com bocados de pão, com azeitonas, com bananas, obrigando-o a descer da cadeira em que se empoleirara. Num canto da mêsa, duas crianças comiam podim com as mãos, e no meio de toda esta barafunda, um individuo de bigodes pintados conversava, absorvido, com a loira Suzette — a celebre «estrella» da Rua dos Condes.

Regina tinha desapparecido. Então, um homem de mais de meia-idade, barba grisalha, olhos humidos e bondosos, mãos papudas e unhas asseadas, que estava á minha direita, disse-me polidamente, mostrando-me os dentes miudos e muito brancos:

— Um coração de oiro, esta Regina; mas num meio deploravel! Veja V. Ex.ª: estas crianças são seus filhos, e de pais differentes. Aquelle rapaz gordo é o Gustavo, o celebre Gustavo, o seu primeiro amante — o seu permanente amante — a quem Regina um dia expulsa de casa, outro, por piedade, mete na cama! Esta pequena que serve á mêsa é filha natural do Gustavo, que é casado com aquella rapariguita chupada — a Chica, mãe de outras crianças que andam por ahi. As velhas pintadas são tias da Regina. O do violão — o tio Pedro — carteiro aposentado e irmão do pai della, bebida a pensão, mete-se aqui em casa mêses seguidos. Primos são tantos como tortulhos! Regina sustenta tudo isto; veste estas mulheres e estes rapazes; empresta a estes homens; e ainda por cima, é sugada pelas amantes do pai que, apezar de viuvo varias vezes e de velho, tem disso por todos os cantos. Olhe, aquella morena, que saiu agora, é uma dellas. Coitada da

Regina! Não ha nem pode haver dinheiro que lhe chegue!

Regina entrara com caixas de charutos. O assalto foi horrivel. Cadeiras caíram. Copos quebraram-se. Homens rebolaram. E no meio do barulho, só se ouvia a voz avinhada do Gustavo gritar:

— Viva a grande confusão!

Perguntei a Regina:

— Quem é este homem tão agradavel com quem estive a conversar?

— Não conheces? E' o dr. Sousa Passos.

— O celebre advogado?

— Esse mesmo.

— Mas... como está elle aqui?

— Ah, não tenhas ciumes! Hoje não é para mim senão um bom amigo. Coitado!

Voltei-me para de novo olhar esse afamado jurisconsulto, quando o velho que me fizera o tal brinde se aproximou de nós, cambaleando, nos bateu familiarmente nos hombros, e piscando-nos um olho vicioso e avinhado, disse maliciosamente:

— Gósto de os ver assim pombinhos!

Logo a seguir, levou-me para um vão de janela e, entre baforadas de fumo, segredou-me:

— Mas tenha cuidado! Olhe que ainda está para vir o primeiro a quem esta gaja os não ponha...

Tive um gesto de repulsão e voltei-lhe violentamente as costas. Regina veio ao meu encontro, risonha, contente como uma criança; e eu, aborrecidissimo, perguntei-lhe á queima-roupa:

— Quem diabo é este velho de barbas brancas?

E ella, olhando-me, com candura:

— E' o meu pai, não sabias?

*

* *

Ha mulheres que fulminantemente nos convencem os sentidos: nossos olhos,

nossa bôca, nossas mãos — todo o nosso ser fica arrastado ao seu corpo! Mil sons de enthusiasmo nos azoam a cabeça, a vista turba-se e já nossos pés escravos mudam do caminho em que iam e se voltam e seguem no rumo dessa mulher. Depois, um gôso estranho nos aperta a garganta — gôso e dôr. O amor é uma doce melodia triste. Ridicula coisa, sagrada coisa! Tontaria e sabedoria maxima do supremo instinto.

*
* *

A actriz é um ser nocturno que, derepente, nos surge, num estrado de luz, transfigurada e envôlta em prestigios.

A luz da scena é uma mentira atrahente! As mulheres parecem novas e lindas nessa luz voluptuosa, que esmalta miserias! Na actriz, mais que nas outras mulheres, amamos não o que ella é, mas o

que nós parece ser. Bonitas coisas pertencendo ás almas das personagens julgamo-las suas, quando, afinal, são artificiosamente provocadas num fundo de emoções similhantes, e artificiosamente exteriorizadas pelos instintivos movimentos da expressão; mas tudo tão superficial que a actriz de tudo se esquece deixando de pisar as tabuas do palco. E vamo-nos naquelle engano, despercebidos, enamorando-nos do que não é dellas, como nos enamoramos das figuras dos romances — irrealidades fascinadoras da imaginação. Amamos imagens! Nesta illusão, anda a Surprêsa a bailar-nos diante dos olhos, vestindo por mil figurinos, apparentando mil almas! E sempre o Interesse nos alvoroça e nos alimenta o enlevo: onde tem Regina aquella dôr tragica que mostra ao representar almas tragicas? Ou essa desabrida alegria em que transforma a face — um momento antes esgadanhada pela garra da angustia? E como, quando está a

Agora quero dizer como ella anda e... não posso! — eu que a sei de cór, que a estou vendo caminhar na rua, subir uma escada, entrar numa sala — aqui bem diante dos meus olhos! O seu andar anda com o seu espirito: se a vir passar a distancia, sei em que vai pensando; se a vejo vir para mim, após horas de ausencia, conheço logo a disposição da sua alma. E' uma linguagem o seu andar: depois de uma crise, o corpo cae-lhe para a frente, as pernas quebram-se um pouco, e quasi caminha nos dedos dos pés. Mas o que é della é isto: quer na furia, em passadas rijas que marçam o chão, quer no ir devagar, saboreando a alegria de viver, ha sempre um tal rythmo de seducção no ondular de malicia feminina que eu não sei dizer se a sua volupia é perfume, se é côr, se é som; que eu não acerto marcar por palavras tal magia, porque todas as palavras me parecem grosseiras, angulosas, como se me dessem por tarefa pe

sar essencias, afagar o silencio. E' que toda ella é expressão e a expressão é infinitamente fugidia!

*

* *

Porque gósto della? Porque não sei quem ella é. Quanto mais perto a tenho, mais a ignoro. Julgando ter ouvido tudo que sua alma poderia responder á minha, e recebido do seu corpo tudo o que o seu corpo dá, reconheço, afinal, que esse tudo nem amostra chega a ser do infinito que possue; e ella renasce sobre si e volta a ser tão desconhecida para mim como o era antes de eu a conhecer! Seu amor parece nitido e é vago; e dando-se sem reservas fica sempre discreto.

Não sei destinguir o que mais amo nella, se defeitos, se qualidades. Causam-me vertigens seus erros e miserias; atrae-me com

perdição o fado da sua vida aventureira; e seus impulsos generosos e sua bondade pronta enchem a minha phantasia.

Tudo m'a envolve de prestigio. Tem vivido. E' uma vida. Conhece todas as tempestades do amor! Mas eu quereria que as não conhecesse... Mas se assim fosse, não a amaria eu. Se a sua alma não estivesse carregada de amores, não existiria em mim esta estranha volupia de construir nella um novo amor, supremo e ultimo, a reduzir a fuligem tudo o que em si criou ardentia e chamma. Se o seu corpo não tivesse sido alimentado de amor não era o seu corpo amante. Mas eu quereria que ella fosse pura como as crianças; mas se ella fosse virgem, sua carne seria fria; e sua carne é fogo, é delirio!

*
* *

Regina tem a elegancia dos gestos desmanchados.

*
* *

Ha mulheres que trazem para a rua, na pelle e nos cabellos, o calor sensual da cama. Sua lascivia cheira a distancia. Seu gesto de apanhar as saias, de poisar os pés, de pisar as pedras, de offerecer o ventre, é ordinario; mas este ordinario exalta principes de raça, e meus mais puros lyrismos teem raizes nesta quente desvergonha raivosamente animal. Este amor impuro gera rancor e ternura; enche as veias de febre e o espirito de devaneios. Amor taciturno que despedaça a alma;

unico amor criador de ciume; unico ciume que leva ao crime.

O saber que a minha amante é desejada, excita-me. Cercada de quem a deseja, desejo-a mais. Vejo-a numa chamma, brilhando estonteadora, e quero que se quebre em mim esse brilho que lhe incendeia os olhos molhados. No palco, ao cair do pano, no tumulto das palmas, o corpo de Regina está todo mordido pelas pontas de fogo dos desejos dos outros; sinto-a escaldar e os meus sentidos endoidecem roubando-a, envôlta ainda nos applausos da multidão enfrenesiada, ás mil bôcas vorazes que a desejam.

*

* *

Nos inquietos enthusiasmos da minha quente adolescencia, houve um typo de mulher sofregamente desejado pelos meus olhos de rapaz, que tinha da Regina o

mesmo desalinho de maneiras sensuaes, a mesma promessa lasciva no olhar resoluto, o mesmo fado na alma aventureira!

....

Eu amo em Regina a recordação longinqua desse desejo insatisfeito...

*

* *

A sua figura! Toda ella é mobilidade. Ora se veste de alegria, ora de sensualidade, ora de odio, ora de melancolia, ora de indifferença; mas quando se veste, veste-se toda do mesmo pano, digamos. Se o trajo desse dia fôr, por exemplo, volupia, volupia é o pisar dos sapatos e o bater dos saltos nas pedras dos passeios; volupia o balanceamento dos hombros, o quebrar dos rins, o bolear dos quadris; e nos olhos traz os quebrantos

voluptuosos que se seguem á expressão das pupillas exaltadas nas energias do amor!

A sua figura! Mas, afinal, sinto que não é propriamente a sua figura que me impressiona, mas a expressão da sua figura, isto é, um outro ser irradiando do seu ser!

*

* *

O que mais amo nella é a sua alma portuguêsa no amar brusco e terno; no amar com desprendimento e generosidade. O que mais amo nella é a sua linda fragilidade de mulher instintiva sacrificada ao peso fatal do amor. O que mais amo nella é o que na sua alma ha de egual á minha e tambem, e sobretudo, o que nella ha de opposto. Quereria que Regina sentisse a vida como a sinto, a visse como a vejo;

mas ella sem deixar de ser ella e eu sem deixar de ser eu.

O que mais amo nella? Não sei!

*

* *

A vida nova que sonhei e fiz sonhar á Regina começou com a nossa installação numa casa novinha em folha, num sitio tranquillo — nas Amoreiras, defronte do jardim. Passámos os primeiros dias a dispôr com agrado essa elegante mobilia que nos levou tempo a escolher, porque Regina não queria ter nada que se parecesse com o que já tinha tido...

O meu gôsto pela sobriedade incanta-a:

— Parece uma casa de praia, disse ella, entrando na fresca sala de jantar arranjada com clara mobilia inglêsa. Havia por toda a casa plantas em faianças; cortinados leves nas janelas; aguarelas vivas

nas paredes lisas pintadas a oleo; e a criadita — a Rosa — com o tope de cambraia no penteado alto, collarinho de rendas, avental branco na saia de merino preto, parecia servir noivos.

No meio do dia, na luz amiga dos estores descidos, Regina canta ao piano pequenas canções que a sua voz amorosa colore de romanticismo. O coração diz-lhe com o de *Fortunio:*

Mais j'aime trop pour que je dise
Qui j'ose aimer.
. . . .

Depois do jantar, ficamos muito tempo a uma janela que dá sobre o quintal, vendo um velho regar flôres e, no jardim vizinho, crianças balouçando-se num trapezio.

A Regina ficou todo o dia em roupão.

A' noite, lemos juntos paginas de um livro de amor.

Isto nos basta!: — o mundo acaba para nós no muro do nosso pequenino quintal; e nossas almas, morando paredes-meias, teem tudo que a vida dá. Sentimo-nos confiados e fortes para ir pela existencia fóra, que nos vem amanhecendo pura.

Regina dormiu mal. De madrugada, cansada de insomnia, disse, aborrecida, voltando-se na cama:

— Falta-me o barulho da minha rua: — não posso dormir!

E esta foi decerto a sua primeira nostalgia.

*
* *

Porque será que a alegria do amor vem sempre precedida de sustos e tristezas? Na melhor paz, sinto nascer em mim a dôr dos dias futuros:

— Tudo esmorece, minha Regina! És

tão voluvel... E quando me não amares?! Que será da minha alma nessa noite de soledade!

*

* *

«E' a primeira vez (*) na minha vida que amo assim. Tenho mêdo, mas quero. Isto que sinto será, emfim, o verdadeiro amor? Deve ser cheio de perigos, mas eu tenho necessidade de amar. Errarei mais uma vez? Acreditará elle uma mulher que tem passado a vida a mentir? Será este amor a expiação de tanta coisa feia que tenho feito? Sei que me amará; mas poderei eu, voluvel, voluntariosa, cheia de defeitos, amá-lo como sinto que o quero amar?

(*) Tenho deste periodo uma carta de Regina, á qual pertencem estas phrases. — Manoel do Monte.

Deus me guie! Que delicadezas elle tem commigo! Como me ama e me respeita! Oh! Possue-me toda: sou sua amante e sua escrava. Será possivel tanta felicidade? Meu Deus, protegei-me! Salva pelo amor! Estou doida e tenho arrepios de mêdo!»

....

*

* *

A Regina, quando volta do ensaio com o rôlo do seu papel debaixo do braço e me encontra á secretária a trabalhar, fica toda contente e diz que dos meus fatos o que melhor me vai é... o dolman de estar em casa! A ordem e o socego do nosso lar são um prazer novo para ella. O seu contentamento é fresco, saltitante — de collegial. A minha governanta — candida velha — trata Regina por menina e pergunta-lhe quando nos casamos. A Rosa anda ra-

diante com um vestido de seda, quasi novo, que Regina lhe deu; e a filha da costureira do lado veio hoje offerecer-lhe a gallinha pedrês que a Regina outro dia gabara. Bastaram alguns dias, pois, para Regina absorver todas as sympathias. Ella tem em si a mysteriosa graça de atrahir.

Hoje tomamos café no quintal, sob o caramanchão. Uns estudantes vizinhos, avistando Regina, começaram de lá a cantar á guitarra as coplas que ella diz numa revista na «Trindade». A Regina achou-lhes immensa graça, riu muito e quiz tambem cantar e que offerecessemos café aos rapazes. Dissuadi-a disso; mas ella não se teve que lhes não atirasse charutos, por cima do muro.

*
* *

Toda a cultura do amor consiste em criar á volta da mulher que se ama imagens doces e queridas com as quaes se vive a todo o momento. Então, deixamos de amar a mulher pela mulher para amar a criação que ella nos sugeriu. Regina já não é Regina, mas as imagens que nella criei. O ciume que tenho do seu passado, do seu presente, ou do seu futuro é coisa absurda, porque nenhum outro homem amou, ama ou amará Regina como eu a formei e vejo. No emtanto, eu soffro todos esses ciumes!...

*
* *

— Oh, se eu podesse acabar de vez com

Regina não acompanha os meus raciocinios, porque, sonhando com a projectada quinta, diz derepente:

— E o que eu gósto de andar no verão a regar, com a saia arregaçada e os pés nuns tamancos do Porto!

A alma de Regina está agora extremamente impressionavel. Sua devoção é agradecimento por ser feliz; seu amor pelos pobres e carinho aos animaes é ainda esse agradecimento. Outro dia, dando esmola a um cego que pedia á porta dos Jeronymos, beijou-o na testa. Mas a todo o momento ella tem medo de perder a felicidade que lhe parece quebradiça, sobretudo recêa de que eu me canse della!...

Nossas almas estão sempre tão perto uma da outra, que muitas vezes nos encontramos a pensar na mesma coisa. Adivinham-se. E assim os mais intimos desejos, os mais intimos pensamentos communicamo-los um ao outro por lucidos

silencios — milhões de vezes mais falantes que todas as palavras que pronunciassemos.

De noite, passeamos pelos bairros pobres de Lisboa. E' pittorêsco e commovente. Uma noite destas, atravessando nós o Bairro-Alto, Regina deixou-me o braço para ir falar a uma pobre rapariga (em quem já outras noites reparara) que tossicava, sentada á janela illuminada de um rés-do-chão, e soube della que, havia dias, ninguem a procurava! Por infelicidade, nossos bolsos estavam vazios, e Regina, vindo de representar, não trazia em si uma unica joia! Fomos indo; ella, triste e agitada, quiz voltar para trás.

— Para quê? perguntei.

Não respondeu, mas lá em cima, no Principe Real, disse-me abruptamente:

— Sabes? Eu era capaz de alli mesmo abrir a porta a um homem para arranjar uma esmola áquella desgraçadinha!

*
* *

Regina trouxe hoje para jantar, sem me prevenir, um actor seu amigo e compadre — um grosseirão que começou a fumar depois da sopa e encheu o soalho de caroços de azeitonas.

*
* *

Sumida num canto de janela, no Chiado, vendo folgar em baixo o carnaval hilariante, dizia-me ella, repassada de melancolia:

— Até aqui, o *sport* predilecto da minha vaidade era torcer o feitio dos outros ao meu feitio. Vê agora como eu sou um trapo nas tuas mãos, e o pior é que gósto de ser trapo!... Foi-se a minha linda li-

berdade! Reconheço que nunca amei, porque nunca fui triste! Estou mudada! Tudo passou!

*

* *

Eu quero tirar Regina do seu meio, mas, afinal, só no seu meio é que ella é quem é. Se foi nelle que gostei della, nelle deve sempre estar para não morrer este incanto que me abalou e arrasta!

O meu amor é melancolico e inquieto. Mas se elle fosse como o de todos amar-me-ia ella como me ama? Regina diz-me:

— Gósto de ti por seres differente dos outros. Ninguem viu certos cantos da minha alma como tu os vês. Ha pontos em que nunca haviam tocado, nem reparado — e que tu elogias. Só tu me mostraste uma vida nova, e me puzeste nos ouvidos lindas palavras e lindos sonhos. Só tu me fizeste entender que a minha vida vem de

dentro — eu que sempre tenho vivido por fóra e rodado, ás cambalhotas, deste para aquelle!...

Como eu detesto toda essa gente que a cerca e diante de mim fala dos amantes de Regina — vida passada que não posso arredar dos olhos! Então, um ciume furioso e triste todo me amarfanha; e ponho-me a pensar nas almas que teem passado pela de Regina e nos rastos deixados: — «Quem lhe ensinaria aquella phrase? De quem tomaria certo gesto? Que restos de sensualidade dos outros haverá ainda no brilho das suas pupillas exaltadas pelo meu amor?»

Mas o seu passado vale para Regina tão pouco, tão pouco... que ella se refere a elle a todo o momento, desprendidamente, como se falasse da coisa mais simples da vida. E eu, embora triste, sorrio para a não maguar — a ella que não comprehende que isso me crucifique. A's vezes, porem, não posso: cobre-se-me o espirito de som-

bra e volto para o lado a cara, escondendo os olhos molhados. Regina corre para mim; suas mãos solicitas tomam-me a cabeça; seus olhos buscam meus olhos:

— Que é? Que é? Tu choras?!

Seus dedos leves espalham-me as lagrimas; mas como outras lagrimas borbulham, irreprimiveis e quentes, Regina, toda fóra de si, bebe-m'as, sôfrega, supplicando com a voz cariciosa:

— Não chores, não chores, meu amor! Eu sou tua, eu nunca fui senão tua! Olha-me, olha-me. Que queres da tua amante? Dize, dize, meu irmão. Fala, amor, fala! Não chores; não soffras, minha vida!

E um carinho louco me involve, me ampara perdidamente. Sinto-me aconchegado, sinto-me bemquisto, querido, por esse carinho que ella tem nas mãos de bondade, na macieza do olhar, no calor da respiração, nos braços que me querem, nos cabellos que me caem na cara, amigos, e naquelle geito abençoado de mulher-

mãe, de mulher-irmã, de mulher-amante com que inclina para mim sua cabeça cheia de infinito afago. E eu choro com volupia, sentindo que o meu soffrer é beijado pela sua ternura!

E' á volta deste absurdo que vive a minha alma.

*
* *

Diz-me Regina:

— Se eu não gostasse de ti como gósto, dez fortunas como a tua não me chegariam a nada! Assim, mete-me numa trapeira, dá-me só carapau..., que não deixaremos de ser felizes.

*
* *

Num intimo momento de fadiga e de melancolia, perguntei-lhe:

— Regina, como me amas tu? Dize-me o fundo sentir da tua alma longinqua, que me escapa!

— Como te amo? Não vês? Não sentes? Amo-te assim, dando-me toda, fóra de mim, atabalhoada — como doida! Sei lá como te amo! Se eu me não pertenço, se me perco, se fico tonta, esvaída e morta nos teus braços — grande amor da minha alma! E tu, e tu?

Eu, maguado pela certeza de que nessa criatura mais amava o corpo que a alma, disse-lhe:

— Amo-te com a minha tristeza...

E ella:

— A tua tristeza é tão linda como a tua alegria!

E tomando-me a cabeça nas suas mãos brancas e abertas, levou á bôca os olhos que a olhavam tristes!

....

* * *

Regina adoeceu subitamente: — febre incandescente, tosse violenta e uma pontada agudissima a furar-lhe o peito. Desço aos tropeções pela escada abaixo e corro pelas ruas a procurar um medico. Amigos e conhecidos reteem-me os passos, tomam-me o braço e, com olhar inquieto, interrogam-me anciosos sobre o motivo da minha perturbação; e quando lh'o digo, expluem-me na cara estrepitosas gargalhadas! Outros, furam-me a alma com geladas ironias; os discretos sorriem; mas os intimos dizem-me sinceramente commovidos:

— Homem não se fie nessas criaturas!

Atordoado, insoffrido, deixo-os a todos, e galgo a duas e duas as escadas do consultorio; e, emquanto espero o medico, penso amarguradissimo:

«Triste condição a destas mulheres que, tendo passado a vida sem o cuidado de um amor vindo da alma, um dia, ao sentirem, pela primeira vez, o amor que salva, só encontram duvidas no coração escolhido e absolutas incredulidades nos que as cercam. Por mais que façam, ninguem as acreditará! Ouvindo suas palavras translucidas de sinceridade, dirão: mentira; vendo seus desesperos confrangidos, dirão: mentira; falso seu rir; falsas suas lagrimas; se se humilham, põem nisso calculo; se transigem, é por conveniencia; o ciume — uma artimanha; a doença — um recurso; dedicações são fingimentos, sacrificios estratagemas. Tudo, tudo o que fizerem será para enganar e ninguem na vida as aceitará: e se numa tarde mais triste o seu coração vencido de tanto soffrer pozer em afflicção a cabeça allucinada por mil adversidades que obscurecem o tino; se um desespero final lhes quebrar a vontade de continuar na luta e as convencer de que

na agua de um rio encontrarão socego, esse acto será ainda mal apreciado, porque todas as razões servirão para explicar o suicidio, menos a unica verdadeira — a do seu amor malavindo; e, assim, mesmo na morte, todos continuarão a calumniar a pureza de um sentimento que era nobre porque era purificador, todos continuarão a dizer: mentira, mentira!»

*

* *

— Nasci para um grande amor, diz-me Regina.

— Nasci para um grande amor, respondo-lhe eu.

E ficamos a olhar-nos com olhos cheios um do outro: mas logo, involuntariamente, nossas almas estremecem de illusões tristes e tranzem de mêdo, como avizadas, por intimo presentimento, de que tanto

amor nos arrastará á desgraça. Apavora-nos a força de amar! E então, sempre protestando querermo-nos até á morte, e sempre inquietos desse terror, choramos incoërciveis lagrimas!

*

* *

Regina toda é cuidados com a sua garganta, com o estomago, com os rins — com a sua saude.

— Dantes, diz ella, não me importava. Que pena não ter hoje a saude que atirei pela janela fóra — agora que quero viver para ti!

*

* *

Uma destas tardes, em Algés, olhando o rio espelhado, começou a cair em mim a

chuva miudinha da melancolia; Regina, a meu lado, entristecia-se tambem e tanto que se lhe molharam os olhos.

Disse-lhe:

— Quantas lagrimas terás tu chorado pelos outros!...

— Nunca. Sempre fui alegre, respondeu ella.

— E quantas alegrias, antes de serem tuas, foram de outros que t'as deram em troca das que lhes déste!...

— Os outros, sempre os outros!

— Se tu conhecesses, disse-lhe eu, o soffrimento de duvidar!

— De que duvidas?

— Será verdade tudo o que me dizes? Esses que se teem apaixonado por ti não estavam elles convencidos, como eu, de que os amavas tambem?

— Mas se eu te digo que nunca amei ninguem como te amo a ti?

Então, calado, puz-me a contar pelos dedos...

— Os teus amores... murmurei.

— Os meus amores, os meus amores! (E ria com desprezo!) Se soubesses o que era toda essa esturdia, nem me falavas nisso. Era lá amor aquillo! Olha: com o Magalhães foi um capricho; com o Rodrigo, uma criancice; com o Americo, uma bebedeira!; e isso do Menezes — um rato morto atirado á cara da Ismenia. Os outros não contam; e mesmo sommado todo o amor que lhes tive, esse, não vale, não vale... um aperto de mão que eu te dê.

— E o Gustavo?

— Foi o primeiro! Eu era uma garôta de dezaseis annos, criada á solta, com a paixão do theatro. Fugi de casa. O Gustavo foi o homem que me deu a mão. Que sabia eu da vida? Representavamos por esses barracões, e viviamos na miseria, lá em cima, á Moiraria. Era nova, gostava delle e obedecia-lhe como um cão! Mas quando um dia, depois de tantos sacrificios (até lhe lavava a roupa e lhe fazia a

comida) soube que elle me enganava, senti em mim tamanha revolta que me atirei ao fado, de cabeça para baixo! Abriram-me os olhos!... Fazes lá ideia!... Depois, fui rodando pela vida!... Desgraças!... Mas não lhe tenho rancôr, não. Coitado! Se soubesses o dó que tenho delle!

— Mas o Carlos...

— Esse sim, confesso, foi mais que uma experiencia. Mas cedo vi que me enganei!

— Muitas experiencias...

— Se sou tão facil em me illudir! Qualquer me engana. Tenho procurado muito, errado muito. O que encontro em todos? Vicios e vaidade. E quantas vezes eu mesma, imaginando que amo com amor, reconheço que tudo isso é toleima de momento, ou phantasia do meu coração, ou curiosidade dos meus sentidos. Ah, mas agora descobri o amor da minha vida: tu és o meu primeiro amante!

— ... Ainda outro dia, quando queimavas as cartas do Carlos, li, nas cinzas, que

rematavas uma dellas como rematas as minhas!

— Sim, escrevo-te as mesmas phrases, digo-te as mesmas palavras, ah mas são outras as phrases, são outras as palavras! São uma coisa tão cá de dentro que sinto que as emprego pela primeira vez! Meu João, fala-se em linguagem bem differente usando das mesmas expressões! Depois, eu propria me sinto outra. Não sou o que fui. Transformaste-me. Aquella outra Regina não existe. Esta que tens aqui é criada por ti, tua filha — toda tua!

— Toda minha!, murmurava eu duvidoso...

— Acredita-me!, rogava-me Regina, com voz mortificada.

— Acredita-me! Poderei eu jamais espiar o que está profundo num coração de mulher?

— Meu João, porque não havemos de ser felizes?

— Porque nos amamos com paixão!

. . . .

Era já noite quando nos levantamos tristes, soffrendo ao lado um do outro a queixa de muito nos amarmos!

*

* *

Hoje não houve ensaio. A cabelleireira veio tarde. O nosso almoço foi demorado. Regina estreou um vestido lilaz com pelles de marta. Fomos juntos ver uma exposição de chrysanthemos, e a terra do jardim estava humida e o sol frio. Passeamos, de carruagem aberta, para os lados do Beato, e vimos alagados os campos do Ribatejo. Regina bocejava, sorria e, carinhosa, apertava-me os dedos por debaixo do *couvre-pieds*.

Jantámos num gabinete do «Central»; fomos ao Coliseu; recolhemos cedo; e em casa, á mêsa do jantar, emquanto, calados,

mechiamos o assucar do nosso chá, eu sentia, sem o dizer, que pela alma de Regina passara um dia de monotona felicidade — fria como a luz desse outono. E toda essa monotonia incubara nella: Regina acordou de noite, suffocada — «com um penedo no peito», dizia; e, sem motivo que se visse, começou a chorar, maguadissima. Subito, imaginando-se muito doente, veio-lhe esta pungente nostalgia:

— Que saudades tenho do Porto! Ah! Se eu morro sem ver o meu querido Porto!

E soluçava como se fosse morrer sem o ver!

A cidade dos nevoeiros tristes e das noitadas amorosas — moldura a quadrar na sua dissipada vida de fado e aventuras — apparecia-lhe diante dos olhos melancolicos, nessa hora de saudades! O Porto — nostalgia de romanticos!

*
* *

Porque esta manhã, contra o meu costume, lhe não escrevi da Baixa, á hora do jantar vim encontrar Regina sobresaltadissima:

— Fiquei como doida por não receber noticias tuas! Sou tão desgraçada que receio de que um dia me esqueças! Mas tu não me esqueces, não? Nunca me podes esquecer, não é verdade? Amas-me muito, não é assim? Diz-m'o, diz-m'o muitas vezes, muitas — sempre! Amo-te tanto, tanto que tenho mêdo de que venha a aborrecer-te. Deve enfadar um homem o ter a toda a hora, a todo o momento presa a si uma mulher apaixonada, collada, babada? Não é verdade? Sabes?: sempre tive tanta confiança em mim, quando era simplesmente *coquette*, e hoje, que te amo de

coração aberto, não tenho nenhuma! João, meu João, dize-me que me amas muito, muito, toda a vida! Fala, fala, amor da minha alma!...

*

* *

Os meus sentidos vão para ella vestidos de purpura, mas um vento de phantasia os espiritualiza e enternece cóm tal fuga divina que sinto em mim um Deus!

....

Nunca, porem, estes doidos paroxismos, que nos revelam á alma o mais occulto sentido da volupia nobre e silenciosa; que nos põem na bôca mysticas rezas e na garganta a sêde da morte doce; nunca estes doidos paroxismos conseguem matar esse rato venenoso que me empeçonha toda a alma, me passea o cranio por dentro, me esgadanha e me morde o cerebro com dentes e unhas afiadas: — o indestructivel

passado de Regina! Não haver uma bebida para esquecer! Quantas vezes quero perguntar aos vestidos que a vestem, ás joias que a adornam e outros lhe deram, como foram os sorrisos com que Regina os agradeceu! De quantas feias propostas estão cheios seus ouvidos! Quantos sins deshonestos pronunciaram seus labios amorosos! De noite, vendo-a dormir, procuro-lhe no corpo as marcas dos beijos dos outros homens! Se eu os podera raspar da pelle? Mas não, elles são como nodoas de sangue em mãos assassinas!

Nestas cogitações me surprehende Regina. Logo minha bôca sorri, dissimulada; mas ella acode subita, condoída:

— Não engulas as lagrimas! Tu soffres, tu soffres!

E o gesto das suas mãos abertas é cheio de solicitude.

Eu murmuro:

— Os teus amantes...

Ella responde pronta, segura de si:

— Sim, tive amantes, muitos, muitos! Prouvera a Deus que não tivessem sido tantos! Se podesse tirar alguns!... Mas, fica sabendo, esses homens, todos elles, todos, não contam para nada na minha vida: são como se não tivessem existido. A's vezes, até me parece que nunca houve nenhum e que tu és o primeiro homem que eu conheço! Acredita-me, meu amor!

— Perdoa, Regina, perdoa!

— O meu passado?!, e, num sorriso pobre, fechando os olhos desinteressados, Regina, encolhendo os hombros, fazia um gesto disperso, como querendo dizer: «E' coisa em que não vale a pena pensar um segundo!»

Ora hoje (pois a dôr do seu passado é, na nossa vida de amor, o pão-negro de cada dia...) Regina, macerada por este martelar de toda a hora, saiu da sua humildade e, encarando-me (as pupillas per-

furantemente lucidas) disse-me plena de energia:

— João, fixa isto de uma vez para sempre, a minha vida não tem passado, pois só agora é que eu amo!

E calou-se, como que para se sentir confirmada e applaudida pelo silencio.

. . . .

Mas a mim ainda o que mais me doe não é o que sei della — é o que não sei!

*

* *

Entre bastidores, esperando a entrada, Regina, os olhos tristes de amor, olha-me todo e silenciosa. Depois, sorri com soffrimento, move a cabeça pensativa e diz, mais para si que para mim:

— Que grande amor é este meu!

Calados, olhamo-nos através das pupil-

las, nas almas, sorvendo-nos um ao outro...

O contraregra vem soprar-lhe a deixa. Regina benze-se e, avançando para a scena, segreda-me viva e apressada:

— Vai para a plateia: — hoje vou representar só para ti, só para ti!

A casa estava á cunha; a peça, havia um mês em scena, agradara em cheio; e todos esperavam, anciosos, as fortes situações de amor, que Regina fazia arrebatadamente. Mas nessa noite a actriz buscou-se tanto em si propria, tanta vida poz nos silencios expressivos, que o pudor lhe velou as linhas das violencias theatraes; e essas esperadas scenas, apparentando insensibilidade, perderam côr e effeito!

A sala, molle, applaudia por favor; alguns sopeavam as palmas esforçadas da claque insistente; nas cadeiras, dizia-se que Regina estava mal disposta nessa noite; collegas estranharam-na; e o em-

presario, com o seu grosso charuto entre os dentes, não se teve que, no fim do espectaculo, batendo com os nós dos dedos na porta do camarim, lhe não dissesse, embrulhada em amabilidades, uma chufazinha de desagrado.

Quando a procurei, Regina esperava-me abatida na *chaise-longue*, e logo me disse desconsolada:

— Sabes? Hoje ninguem gostou do meu trabalho. Vê tu: — podia fingir amor quando o não sentia; e agora, toda a queimar-me nelle, não sei!

*
* *

A facilidade com que Regina resolve questões de dinheiro envergonha-me e assusta-me. E' com a maior simplicidade que ella se dirige aos seus antigos aman-

tes, pois nunca se considera paga... Hontem pediu dinheiro a um delles para valer a uma collega empenhada até os ossos; amanhã, recorrerá a segundo para acudir a outra, senão para se pagar a si propria de qualquer capricho. Habitos velhos que, decerto, não perderá.

De resto, Regina tem ideias assentes sobre pontos de honra, nos quaes não transige. Assim, intende que entre amantes não ha traição da parte da mulher senão quando esta gosta do homem com quem atraiçoa o amante. Neste caso, sim, ha infidelidade. Fóra disso, tudo o mais não tem a menor importancia. São recursos de dinheiro (quantas vezes exigido pela propria familia e sempre imposto pelo publico que não quer saber da honestidade da actriz, uma vez que ella se lhe apresente bella e luxuosa) expedientes do dia-a-dia, caprichos do amor-proprio, rivalidades entre collegas — modos estes de ser da liberdade de que jamais mulher ne-

nhuma deve abdicar. Portanto, um homem não deverá julgar-se atraiçoado emquanto se sentir amado.

Para o amante é inteiramente o opposto: desde que o homem procurou outra mulher, seja porque motivo fôr, atraiçoou. A mulher nunca poderá perdoar a traição do homem; mas o homem que não perdoa não ama. A um grande amor nada repugna. Não ha amor que mais gôsto dê a uma mundana do que o de ver o homem que a ama torcer o seu feitio, calcar o seu orgulho, cobrir-se de vergonha, arruinar-se por ella — até o crime; e se um dia fôr atraiçoado, enxovalhado, voltar de rastos aos pés da amante, humillimo, porque tudo isso é a mais alta prova do poder absorvente da mulher.

Taes foram as ideias que, ésta manhã, a Regina, em roupão e defronte do espelho, me expoz, emquanto a cabelleireira a penteava — a Rozaria, uma pobre rapariga

(sempre «com a barriga á bôca», como diz Regina) que durante a conversa murmurava ais e, por fim, disse lamentosa:

— Ah, sr.ª D. Regina, o pior é quando os homens fazem de nós gato-sapato, atirando-nos á cara com estas e com aquellas e a gente, afinal, por mais que faça, não pode deixar de lhes querer!...

*

* *

— Mas porque, perguntou-me Regina carinhosa e triste, este amor tanto te faz soffrer? Que te falta? Não confias tu nesta doida paixão que me mata? Que deseja ainda essa cabeça tonta, sempre a phantasiar?

— No fundo do meu amor por ti ha muita dôr; e é por isso que elle é grande!

— Dôr, amor da minha vida?!

E Regina, compassiva, procurava, no

intimo do meu olhar, essa doença secreta e perversa que tambem a fazia soffrer e ella não sabia curar!

— Sabes o mal?, disse-lhe eu, penso os meus sentimentos. O amor não se analysa. Toda a analyse é triste. O amor deve ser uma festa inconsciente. Teu amor é livre, porque não cogita. O amor pronuncia-se forte na tua alma irreflectida e dá-se natural e alegre: — eu entro todo na absorvente sympathia dos teus instintos, eis tudo!

— E em ti não é o mesmo? Não são as nossas almas iguaes?

— Sim, meus instintos involuntariamente te querem e são solidarios na intolerancia de só a ti amarem. Mas analysando-me discuto com os instintos, invectivo a minha paixão e.... soffro! O teu amor, esse, tem liberdade.

— Liberdade?

— Na tua alma não ha conflictos. Não dialogas comtigo. Não te resistes: — tens a liberdade de ignorar que és livre!

E, á volta destas ideias, fui entremeando pessimismos com dizeres de sonho — com cariciosas palavras impregnadas do lyrico e ardente amor que me enche. Num momento, Regina, a face illuminada pelo halo extatico da seducção, interrompeu-me:

— Vês, meu amor, tu queres tanta coisa, tanta, e a mim basta-me ouvir-te e olhar-te, assim, a vida inteira!... Dize-me, dize-me coisas lindas, grande amor da minha alma!

....

*

* *

Uma carta anonyma indica-me a casa e a hora a que Regina dá entrevistas a rta pessoa. Mostro a carta á Regina que põe a rir, a rir ás gargalhadas, achan- o infinita graça á partida; e eu acredito ue a denuncia não passa de brincadeira de mau gôsto e, a rir, rasgo a carta.

*
* *

A' noite, a governanta contou-me:

«A menina saiu muito bonita, voltou de carro, despiu-se, e passou todo o dia deitada no sofá, muito embezerrada, sem querer comer. A Rosa foi chamá-la para jantar, e ella nada. Eram já oito horas da noite; fui onde a ella:

— Então, menina, venha jantar: olhe que se estraga tudo!

— Não quero jantar, deixa-me!

— Pelo amor de Deus!, faça-me isto, e abracei-a a chorar.

Então, muito quebrada, disse-me:

— Pois sim, pois sim, e lá se veio arrastando pelo corredor, sempre com o lenço nos olhos, coitadita! Mas mal se sentou na cadeira e abriu a carta que eu lhe tinha pôsto diante do prato, deu, de-

repente, um puxão á toalha da mêsa e arrumou com tudo para o meio do chão, desatando a berrar como doida:

— A que horas trouxeram esta carta? A que horas?

— Tinha a menina adormecido naquelle instante.

— Porque me não acordaste? Porque me não chamaste? Porque m'a não déste quando acordei?

— Acordou tão afflicta....

— E's uma estupida, uma idiota! Não quero jantar!

E foi para o quarto, furiosa, atirando com as portas, rasgando com as unhas a bata no pescoço. Ainda lhe roguei:

— Ao menos a sopa!

— Não me masses! Não me masses! Vou para o theatro. Tenho espectaculo. Uma substituição á ultima hora. Isto só a mim!

E gritava, desesperada, batendo o pé, arrepelando os cabellos, atirando para o

chão tudo o que encontrava diante de si! Eu e a Rosa fugimos para a cozinha, cheias de mêdo!, mas ella gritou:

— Rosa, a minha blusa! A saia graná! O casaco preto!

Era um alevante! Uma para aqui, outra para acolá, e davamos-lhe as coisas a tremer. A toda a pressa, lá vestiu a saia e a blusa, enfiou o casaco, atou um lenço ao pescoço e arrancou-me das mãos a capa. A Rosa veio com o chapéu, mas a menina atirou-lh'o á cara, pisou-o — pô-lo num figo!:

— Não sabes que levo o capuchão, grande lôrpa! A minha mala de theatro?

— Está aqui.

— Tem tudo?

— Sim, minha senhora.

— Não feches, espera, cavalgadura!

E atirou-lhe para dentro o rosario, um maço de cigarros, uma caixa de pastilhas e a imagem do Senhor-dos-Passos!

— Agora, toca a fazer rir os outros!, e

saiu atirando com a porta; mas na escada, voltou para trás, esbaforida, dizendo:

— Lá me esquecia, lá me esquecia!...

E sabe o senhor o que fez? Foi direitinha á mêsa do escritorio, pegou no seu retrato, beijou-o muito, apertou-o ao peito, a chorar que metia dó! Depois, partiu outra vez como um foguete, mas a capa prendeu-se-lhe no fecho da porta, e ella gritou desesperada:

— Agora a capa! Que inferno! E, num puxão, rasgou-lhe o fôrro, de alto a baixo, e lá abalou para o theatro! Ah, meu senhor, fazia vento!»

Os jornaes do dia seguinte diziam que Regina, substituindo á ultima hora uma collega doente, fizera de improviso uma criação assombrosa na *Gran-Duqueza*, que ella não representava havia annos!

*

* *

Encontrei-me nas escadas do Ministerio das Obras-Publicas (não pude evitá-lo) com o pai de Regina que, de chapéu alto, descia dentro de uma austera sobrecasaca preta a fazer sobresair as suas barbas brancas que lhe davam o mais nobre aspecto de homem de bem. Vinha, disse-me, de, apresentado pela filha, falar ao ministro (antigo amante de Regina) e trazia as melhores esperanças de que o preferissem num concurso de fornecimento de tubos de grés para esgôtos da cidade. Depois, unindo as sobrancelhas e dando á voz o tom cavo do respeito, accrescentou pomposo:

— Procurei-o hoje nas Amoreiras para lhe apresentar os meus cumprimentos. Não estava: deixei cartão.

Em casa, a governanta disse-me ter visto a Regina dar ao pai um maço de notas, e que lhe ouvira a ella esta phrase dita num grande desabafo:

— Agora, tenho-o calado por algum tempo!

*
* *

Regina está doente!

*
* *

Ha três noites e três dias que uma lampada arde diante do Senhor-dos-Passos — amarfanhada imagem de papel em caixilho de pano rôto com dedadas de caracterização, que Regina leva todas as noites para o camarim e sempre a acompanha nos seus giros pela provincia.

Regina, melhor, mas febril ainda, sorri com doçura e tem os olhos languidos. Pela madrugada, diz-me, triste, estendendo-me a mão affectuosa:

— Tenho passado a vida a ser desejada, mas quando sinto uma dôr vejo-me só!...

Beijo-a nos olhos. Ella:

— Tu és differente de todos!: — ainda não saiste da minha cabeceira!

— Onde poderia eu estar senão aqui?

— E custa-te muito o ver-me doente?

— Muito, muito!

— E's bom. E's um carinho!

— Meu amor!

— Merecias outra mulher melhor do que eu...

Nisto, um movel estalou. Regina, os olhos apavorados, disse, olhando-me fixamente:

— Ouviste? Estalou o guarda-fato!

— Sim, ouvi.

— Agoiro!

Num instante, sentou-se afflictissima na cama.

— Agoiro! Foi á «deixa» mulher. E' apartamento! Ah meu João, tu deixas-me?

— Regina!

— Porque? Não te amo eu tanto?

— Mas quem te disse...

Ella cogitando, sem me ouvir:

— ... sim, um dia abandonas-me para te casares. E' a nossa sina! Não podemos amar ninguem! Não nos acreditam... Por mais que a gente faça...

Um tão pesado desalento lhe calcava a alma que a sua cara, envelhecida derepente e marcada pelas dedadas negras do soffrimento, parecia supportar nesse angustioso instante as dôres de todas as mulheres incomprehendidas no amor!

— ... não nos acreditam, dizia Regina com voz sumida; e cravava os olhos desventurados nas sombras do quarto, que lhe não respondiam, nem a consolavam.

— Tu phantasias, minha Regina. Socega.

E ella sem deixar de olhar, com as pu-

pillas dilatadas, um ponto distante, que não via:

— ... tanto amor perdido!

Tristes, suas mãos leves falam desenhando no ar um lento bater de azas de ave que se afasta... Depois, a voz pronuncia mais uma vez o pungente pensamento que sempre a afflige:

— ... novo, bonito, não te faltam noivas. Ah, mas tem cuidado! E's bom, ingenuo, podem enganar-te. Meu João, escolhe mulher que te mereça, e dê a felicidade que eu, com tanto amor!, te não pude dar...

E soluçava dolorosa!

— Não chores assim, Regina. Dorme.

— ... e se essa mulher te não intender? Se não te fizer feliz?

E, derepente, num chôro convulso, abraçada perdidamente a mim:

— Oh meu João, ainda me falta mais esta amargura!

Soceguei-a carinhoso; e, sorrindo, as

minhas lagrimas caíam nas suas lagrimas...

— Minha Regina, eu amo-te loucamente!

— E nunca amarás outra mulher?

— Nunca!

— Juras-m'o?

— Juro!

— E que lindos são os teus olhos a dizerem essas coisas! Dize-me, torna-me a dizer que me amas muito, muito, sempre — toda a vida!

— Até á morte!

— Dize-me, dize-me outra vez! Vivo das tuas palavras!

— Vives da illusão da minha alma.

— ... lindos olhos!

Mas já pela sua alma passava o ciume:

— Lindos para me olharem a mim. Ah, fosses tu ceguinho, mas com os teus lindos olhos assim perfeitos!

— Para que elles não vissem as outras mulheres!...

Então ella beijou-m'os sôfrega; depois, molhadas de ternura, longamente se beijaram nossas almas na avidez absoluta de quererem ser uma só!

....

Quando Regina acordou, eu, debruçado sobre o seu peito, contemplava-a. Ella estendeu-me os braços nús, e, sorrindo lindamente fatigada, murmurou:

— Sinto que gostas mais de mim quando estou doente!...

— Gósto.

— Porque?

— Na dôr, tua alma é humilde e sincera.

*

* *

Numa accidental contrariedade de dinheiro (as constantes exigencias do theatro, a vilissima exploração da familia, seus imprevistos caprichos dispendiosos

— sua doença de gastar, agitam, por vezes, as nossas finanças); numa accidental contrariedade de dinheiro, Regina, industriosa, apalpando o terreno, foi esboçando, diante dos meus olhos a crescerem de surprêsa, o projecto de explorar certo velho banqueiro que ha muito a persegue com propostas de amor bem pago; mas como, subito, eu, revoltado, lhe tapasse a bôca impedindo-a de continuar a falar, ella, logo que poude, disse com simplicidade, apaziguando-me:

— Está bem, renuncio ao meu plano, uma vez que tens melindre nisso.

— Melindre?! A que miserias me queres arrastar?

Regina, como resposta, sorriu ironica e encolheu os hombros indifferentes, como que dizendo ser ôca — sem sentido, a phrase que o meu espanto declamara; e para as muitas palavras que, a seguir, irritado, atropelei, Regina só teve, no final, depois de todo me percorrer com

o olhar estudioso, este commentario sereno:

— Feitios, feitios...

*

* *

No seu camarim, Regina caracteriza-se e conversa, por cima do biombo, com esses amigos de theatro, que tratam por tu todas as actrizes, e são rentes no palco á hora das *toilettes*. Eu, por detrás della, meio deitado no sofá, vejo-lhe a cabeça penteada, os hombros polvilhados de branco e, reflectida pelo espelho, a cara maliciosa a arder de gôso no cavaco bisbilhoteiro em que se delicía com os de fóra. E emquanto ella, o rosto sobre o espelho, recorta os labios e os aviva a carmim; prolonga, a negro de fumo, a linha dos olhos; azula as palpebras; e, com a escovinha molhada em nankim, ennegrece

as sobrancelhas e empasta as pestanas; cruzam-se, no ar voluptoso do camarim, ditos alegres e perfidos — ditos de theatro, onde todos teem vergonha de ser sinceros e ninguem se atreve a ser bom.

Fala-se de *maillots*, e de *maillots* passa-se a falar de nudez. O Lomelino jornalista, o intromettido Lomelino das «Noticias de bastidores» pergunta, na sua voz assucarada:

— Oh Regina, dize lá: uma mulher nua está á vontade diante de outra, não é assim?

— Enganas-te, meu velho, retruca Regina, o nosso sexo veste-nos diante de um homem, e despe-nos diante de uma mulher...

E atirou para cima da mêsa o polidor que lhe deixou as unhas côr de pasta de cereja.

A essa hora, Regina é outra: na sua alma ha um forte estralar de vitalidade

denudadora de instintos reprêsos. Junto della a minha influencia é quasi nulla: o theatro pode mais! O ar do palco e a aproximação do publico envenenam-lhe a sensibilidade e exasperam-lhe a vaidade insolente. E' a hora magna do culto ao seu amor proprio. Estão accêsos tangões, gambiarras e ribaltas para lhe esmaltar a pelle e afagar as linhas do corpo. No ar mysterioso do palco, nada a alma mysteriosa da actriz. O publico espera-a. O publico embebeda como o vinho. Ella sente-o, através das lonas dos bastidores e do pano de bôca. O publico é o monstro amado. Captá-lo, é tudo. A actriz esconjura-o com um rapido signal-da-cruz e logo o ataca de frente, arrancando-lhe lagrimas e risos. Vencê-lo, é a sua maxima conquista; ser acclamada por elle, a maxima lisonja. Vive delle e para elle. Não o dispensa nunca: a fome do applauso é no actor uma fome que nada farta. Por isso, seja aonde fôr e como fôr, vai ao seu encontro, na ancia

de o ver sempre renovado. O publico é o unico amante que a actriz ama até á morte.

Regina tem o instinto das suas plateias. E porque confia dellas, confia dos homens; — do gôsto de trïumphar diante dellas, o gôsto de trïumphar junto delles. O ciúme do palco cria orgulho; a intriga de bastidores é escola de intrigas de amor; a mentira de que se compõem almas para a scena ensina a mentir com prazer; e o coquettismo que se mostra a todos e a todos exalta entra tanto nas veias, tanto, que involuntariamente a actriz o põe em tudo o que medita e faz. Homens são para ella publico que se esconjura e vence.

Ouve-se retinir a campainha de prevenção. Eu, que observo Regina, vejo quanto ella sente já em si a irradiação da plateia — desses desejos cegos que estão para alem do pano de bôca! Sua alma está alvoroçada, e suas narinas leves arfam

num especial cio de gloria. E ella continúa a pintar-se para parecer bonita ao seu publico que ama na actriz a ficção da belleza e ama no theatro a ficção da vida. Publico que, escapando-se á realidade, corre a abraçar-se á mentira, porque a verdade causa medo!

O atarefado contraregra, com a testa pingando suor no seu caderno de deixas e de entradas, vem submissamente perguntar-lhe se o pano pode subir. Regina responde com um brusco sim, retoca á pressa o vermelho da bôca, ageita o cabello, aperta, nervosa, um bracelete, segura com uma das mãos a longa cauda do vestido, mira-se uma vez ainda no espelho, e, pondo de relance os olhos na imagem do Senhor-dos-Passos, sai ligeira do incantado camarim.

*
* *

Diz ella:

— Aqui está uma coisa que eu não poderia deixar de ser: *coquette.*

Sim, agradar sempre! Agradar a quem a ama; agradar a quem a amou; agradar a quem a poderá vir a amar.

Para os seus antigos amantes tem Regina um doce olhar de commiseração, como condoída da fragilidade de a haverem amado...

*
* *

Na minha ausencia de alguns dias, Regina meteu em casa toda a familia que esquadrinhou quartos e revolveu armarios e gavetas, de fundo para o ar — inquirindo dos mais intimos pormenores da nossa

vida de amantes. De mim não ficou attributo de alma ou botão de ceroilas que não fosse discutido e commentado. A dispensa foi varrida; a garrafeira esvaziada; a roupa de mêsa e de cama maquiada; e toda a vida suja da Lisboa viciosa passou nesses dias pela nossa bonita casa, infectando as paredes, o soalho, o tecto e os moveis. Ao jantar, todos se embriagavam; as obscenidades serviam-se desde a sopa; e uma das noites, á sobremêsa, o pai de Regina, por questões de dinheiro, esmurrou a filha.

Gustavo, bebado, tentou entrar em casa, á força; e para se retirar foi preciso que Regina lhe atirasse, da janela abaixo, dinheiro e charutos embrulhados num papel.

A pobre governanta ia endoidecendo nesta desordem.

A Rosa tem acompanhado Regina nos camarotes, vestida á senhora, com vestidos, chapéus e joias da ama.

*
* *

A minha amante não é a mesma quando está distante de mim: Regina é tantas vezes differente quanto differentes são as pessoas que a cercam...

*
* *

Regina adora e despreza o dinheiro. Desce ás ultimas miserias para o obter, e não hesita um segundo em o atirar pela janela fóra. Em metal ou em papel não chega a aquecer-lhe as mãos — como se diz popularmente. Quanto tem, quanto gasta e naquella hora. O ordenado demora-se-lhe na carteira o tempo de ella ir do escritorio da emprêsa ao vestibulo do

theatro, onde todos os mêses (não obstante eu regular esses negocios) a esperam as modistas dos vestidos, as modistas dos chapéus e os varios caixeiros das varias lojas de modas. Em caminho de casa, ha encontros de pessoas munidas de recibos; e á chegada á porta atacam-na, com permanentes notas atrasadas, donos de alquilarias, de mercearias, e outros fornecedores de quem ella se livra ora com palavras amaveis, que os prendem; ora com simuladas lagrimas, que os commovem; ora com ditos engraçados, que os dispõem bem para lhe conceder a demora que pede — curta demora, diz, porque «o seu beneficio está por dias».

Quando, saindo pela porta do palco, consegue escapar-se aos primeiros credores, Regina vai direita á loja em cuja vitrina se exhibe o artigo de sensação que nos ultimos dias da quinzena a tem namorado a ella, ás suas collegas e a todas as mundanas e semi-mundanas de Lis-

boa. Compra-o com todo o dinheiro que leva, fica devendo outro tanto, mas nessa mesma noite, se a peça não é de guarda-roupa, ostenta-o no palco, atirando com elle á cara enraivecida das invejosas collegas que, cochichando, explicam de mil maneiras deshonestas a acquisição do luxuoso artigo! Ha dias, gastou ella todo o ordenado em... joias falsas, aliás montadas em prata e em oiro. Regina tem a sofreguidão de adquirir e de trazer para casa tudo o que acha bonito. Um chapéu, uma joia, um movel, um vestido, uma moldura, uma boneca (que carinho ella tem pelas bonecas!) enchem-lhe as pupillas de fresca alegria; mas, dias passados, um impalpavel pó de tedio—o do «estar visto» — embacia essa frescura nos seus olhos de criança. De resto, tanto prazer lhe dá um collar de perolas como um brinquedo de vintem! E tendo feitio para, a rir e estonteada, arruinar um exercito de homens —é incapaz de, a frio, explorar nenhum.

No mais, como todas: fausto e miseria, dissipação e sovinice. Em casa, pequenissimas exigencias: — cozinha mediocre e uma criada para todo o serviço; mas na rua trem montado.

No que não é como as outras é em dar de esmola todo o dinheiro que lhe peçam e emprestar a torto e a direito esquecendo-se do que emprestou!; de fazer o bem sem saber a quem.

E' claro, todas as observações que se façam a esta criatura livre e natural, são, alem de absolutamente inuteis, inconvenientemente irritantes, porque Regina é voluntariosa, odeia formulas, desconhece conveniencias e desnorteia-se tanto mais quanto mais a contrariam (prohibir-lhe uma coisa é estimulá-la a fazê-la) e a prova ahi está nesta ausencia de dias em que andou Deus sabe por onde, e dormiu Deus sabe em que camas!

*
* *

Ella é tão ardente e sincera no empenho de desfazer meus inquietos ciumes, como é ladina em os provocar, quando percebe que estou confiado. E não falta quem entre nesses conluios contra mim, não faltam intimas amigas que vão mais longe — a incitá-la a traições, para ellas terem com que, depois, desculpar as suas. Que inferioridade ter collegas verdadeiramente amorosas, e, alem disso, leaes a seus amantes!

*
* *

São já duas as vezes que me encontro com o Gustavo nas proximidades da nossa casa. Sei que a Regina lhe falou outro dia;

via de ordinario e mal represado pela sua baixa educação lhe veio livremente á bôca, numa espuma de torpezas. O olhar em fogo, a voz descarrilada, o gesto atirado, a arremettida insolente da sua atitude desbragada tinham, no entanto, um largo e bello rythmo de colera que tornava maior a sua figura, enchendo-a de força e de harmonia.

Depois, furiosa e doida, abalou para o theatro; mas em scena, representando, caïu desamparada para o lado com uma syncope. O pano desceu. O espectaculo interrompeu-se. Chamado á pressa, encontrei-a estirada no camarim, desmaiada e convulsa, gemendo e torcendo-se nas mãos de collegas e medicos que, flagelando-a, tentavam despertá-la e abrir-lhe os dentes cerrados, e, comprimindo-a, abater a curva do seu hirto corpo dobrado em arco.

....

No trem, em caminho das Amoreiras,

commovido pelos seus soluços e pelas suas lagrimas afflictissimas, protestei que a acreditava, e ella ficou tranquilla; mas ao entrar em casa, adivinhando que eu dispozera as coisas para romper, empallideceu, esvaïram-se-lhe os labios, estacou os olhos desvairados e, aos gritos, queixou-se de que uma horrivel dôr lhe varava a cabeça que ella amarrava com as mãos crispadas. Assustadissimo, corri a chamar um medico; e toda a noite á sua cabeceira lhe prometti mil vezes, entre mil beijos, que a não abandonaria — que a amava como doido! Regina, duvidosa, tinha mêdo de adormecer e, agarrando-me contra o seu peito, cravava unhas sôfregas na carne das minhas mãos. Por fim (já entrava no quarto a primeira luz do dia) socegou, chorou de alegria, e, abraçada a mim, adormeceu sorrindo.

*
* *

No seu amor ha ora animalidade agreste, ora mysticismo. Raiva de morder, ou carinho de infinitas ternuras. Ora é amor livre, num descampado, ao sol ardente do meio-dia; ora é amor silencioso num desvão de cathedral: ella revestida em habitos de monja, a face pallida, a bôca passiva, os olhos humidos e martelados de desejos insoffridos; o amante como Christo na cruz, a pelle suave e perfumada. Amor vago, misturando seus gemidos com a voz de um orgão longinquo — á hora religiosa em que a luz esmorece nos vitraes de côres serenas, e pelas naves vem descendo o cheiro mystico do incenso...

Junto com veneras de santos, amulêtos, cruzes e retratos-miniaturas de familia,

traz Regina ao peito uma placazinha de oiro em que mandou gravar datas das nossas noites de amor, as mais doidas!

*

* *

O que seria a vida deste amor sem as inquietações que intermitentemente o alimentam? A suspeita, a duvida são veneno e sustento. Se eu repoisasse na certeza do seu amor por mim, que mais buscaria nella? Apertando-a toda nos meus braços, minha, busco-a ainda. Se eu a tivesse encontrado, de novo a procuraria. Interrogo sempre! Regina, devo-te a amargura gostosa deste desasocego criador de amor!

*

* *

Um grande mêdo de me perder sobresalta a alma de Regina. Desde aquella

noite, lê agoiros em tudo! Um desses signaes (são tantos!) é cruzarmos os dedos nos dedos um do outro. Quando reparo nisso, retiro a mão, derepente; mas ella, submissa ao seu fado, disse-me hoje resignada:

— Deixa estar filho, tem de ser: as cartas já o disseram!...

Quiz ver como ellas o diziam, e esta tarde fomos a casa da Albertina — criatura que tem na Baixa uma casa de hospedes (ou coisa que o valha) e de quem Regina diz com pasmada admiração:

— Deita as cartas de um modo extraordinario! Verás!

— Intrujices!

— Filho, que me não saia a morte!

A Albertina é uma senhora de meia-idade, gôrda, frescalhona, que nos appareceu, com uma bata vermelha de rendas amarelas, solta na cinta e larga nas mangas que mostravam, até os cotovêlos, os

braços redondos; — que nos appareceu a sorrir, a sorrir nos falou, e a sorrir nos disse depois adeus, no alto da escada escura. Entramos pela porta do lado e fomos para a casa de jantar, que era sombria, tinha cretones sujos nas janelas, largos sofás esbeiçados, e garrafas de champagne, vasias, nos aparadores.

— Que a desculpassem: andavam a pôr papel nas casas da frente, disse; e, logo que poude, segredou ao ouvido da Regina o quer que fosse e que eu depois soube ser isto: alugara havia dias a sala e a alcova a um africanista que por dois mêses lhe pagara o preço do semestre.

— Oh, esta arranja-se! Tomara eu agora no bolso o dinheiro que ella tem ganho commigo!, disse-me Regina.

....

Foi alli mesmo, no oleado esfarpado da mêsa de jantar, que a Albertina, depois de bichanar orações e de esboçar benzedu-

ras, deitou as cartas, serenamente, sempre com o mesmo sorriso na bôca grossa e nos olhos negros ainda bonitos. Por ella soubemos que as cartas diziam: «pela porta da rua», «com lagrimas», «por maus caminhos», «um desvio».

A Albertina, passando as cartas nos dedos papudos, concluiu confiadamente:

— Ah, filha, estás sem homem, digo-t'o eu.

Regina, com a cabeça nos dedos espetados por entre os cabellos da testa, olhava fixa para as cartas mysteriosas; e a Albertina de novo as baralhou e de novo as estendeu sobre a mêsa, numa disposição differente.

. . . .

Quando desciamos silenciosos, Regina disse-me derepente:

— Coisas de cartas fazem-me muita impressão: acho tudo aquillo muito grande!

De novo se calou; e na rua, levava os

olhos pelo chão, batendo doentiamente as palpebras assustadas.

*

* *

Desnorteia a extrema versatilidade de humor de Regina! A sua alegria excessiva, selvagem, e tonta como a das crianças, é subita, explosiva; a sua tristeza, amarfanhada em tedio, é curta mas aniquiladora. Entre a sua tristeza e a sua alegria medeia um fechar de olhos! Na alma de Regina a dôr passa como relampago: logo a alegria espanejada, a alegria petulante e viçosa a sacode e a defende de desgôstos. A sua alma está permanentemente escancarada ao prazer de viver, mas uma ninharia a prostra, uma ninharia a exalta; — um nada a lisonjeia até as lagrimas agradecidas, um nada a offende até o desespero, até a revolta. Como a sua collega Ra-

chel (essa outra grande inconstante da *Comedie)* Regina poderia tambem usar por divisa, gravada sob um balão entre nuvens, este arisco dizer:

«La tempête m'élève, une piqûre m'abat» *

De resto, um só insulto é supremo para a actriz, um só: amesquinhar a sua arte comparando-a com a das collegas!

No theatro, depois de, com o seu hilariante riso repleto de mocidade, fazer rir toda a gente na plateia e todos os collegas no palco; o ponto no seu buraco e o illuminador no seu cubiculo; — depois de espertar e sacudir a alegria em centenas de almas! — entra no camarim enfastiadissima, rogando, a quem lhe quer falar, «que

---

* Regina usou mais tarde esta divisa do Musset: — «*Quand mon coeur parle il a raison*». — MANOEL DO MONTE.

a deixem pelo amor de Deus!»; e seu tedio é negro como o fundo de um poço!

Outras vezes, chora em scena verdadeiras lagrimas, penando em si as dôres da personagem, numa oppressiva auto-sugestão; mas á saída para os bastidores, inteiramente esquecida do que soffreu, já se vem a rir, a dizer pilherias; e não se tem que não dê um piparote garoto na aba do primeiro chapéu que encontre, ou que não faça uma estonteadora piruêta diante de qualquer comparsa atarantado que, nos corredores, se atravesse na sua pinoteada correria até o camarim.

*

* *

Hoje, subindo as escadas da nossa casa, quasi tive de me encolher á parede, no patamar, para deixar passar o detestavel Gustavo que, cantarolante, descia fumando um

dos meus charutos. Regina, surprêsa, afogueada, a sondar-me o olhar, foi explicando, tartamuda, a visita do seu antigo amante: — um pedido de dinheiro. Sem lhe retrucar uma só palavra, voltei-lhe as costas, desci, e vim jantar ao «Bragança»; e pelo caminho, cogitando nos dizeres dessa carta anonyma, na scena do dinheiro entre Regina e o pai, nas joias verdadeiras no meio das joias falsas, protestei, raivosamente, de mim para mim, não mais voltar ás Amoreiras.

*

* *

Afinal, o que tem sido a vida passada de Regina? Eu que até aqui nunca pude ouvir tal narração por o meu amor a não supportar (tão embrulhada em episodios feios e desabrida sensualidade vinha ella); eu que não passava por certos sitios esquivando-me a encontros com antigos aman-

tes de Regina, e nem mesmo lia jornaes para não ver nomes que só de vê-los me enchiam de desgôsto; — decidi-me a tudo querer saber para aguerrir a minha razão contra as insidias de meu coração commovido; para, pelo nojo, defender a minha alma; e tudo soube: durante dias, meus ouvidos encheram-se do passado de Regina! Por um momento, senti-me salvo. Systematicamente, passei horas a repisar nos episodios mais sujos; fixei casos; escrevi num papel suas phrases cynicas e seus ditos desbocados; e fiz uma lista com os nomes dos seus amantes, impregnando-me do asco que me repulsasse de tal criatura. E passaram-se horas e horas neste furar e parafusar ideias no meu cerebro.

Mas ao fim de três dias acordei com a memoria tão varrida do que lá lhe cravara — tão esquecido de todas essas sujidades, que me pareceu que nada me haviam contado, que nada eu tinha registado! Vazio

de ideias preconcebidas, senti que precisava de fazer um esforço enorme sobre mim proprio para conseguir intrometter repulsão e rancor nessas aventuras — para poder desarraigar da minha bôca as palavras de amor que, apezar de tudo, involuntariamente nasciam com o nome de Regina! E nada consegui! E vendo que meu pensamento não sabia conversar senão com ella; e que meus pés não sabiam caminhar senão para ella, fui de noite, envergonhado e rasteiro, esperá-la á porta da caixa do theatro. Regina recebeu-me sem a menor surprêsa, sorrindo mesmo, e logo começou a conversar commigo, natural, como se nos tivessemos deixado minutos antes; e fazia-me perguntas simples. Com os dentes cerrados de rancor e uma tenaz de colera a apertar-me a garganta, a nada respondi; mas no trem, ao regressarmos a casa, era ella quem não respondia a uma só das minhas perguntas iradas: com os dedos indifferentes, Regina ia fazendo ris-

cos na vidraça embaciada, emquanto o trepidar do carro nas pedras das ruas se misturava com o som das minhas palavras cheias de dôr!

Hoje, como eu a olhasse fundo, com a expressão nauseada do homem que sente engulho á vida tôrpe que faz, Regina disse-me:

— Porque me fixas tanto e assim? Sinto que me basculhas a alma!

E, como se lesse os pensamentos e ouvisse as palavras de fel que contra ella, mentalmente, eu pronunciava, acrescentou perspicaz e victoriosa:

— Sim, sou tudo isso, mas tu não me podes deixar de amar!

E os seus olhos penetrantes riam de orgulho.

*
* *

Entrou furiosa! Emquanto se despia, despedaçando rendas, fazendo saltar colchetes que se demoravam a desapertar, atirava mil obscenidades contra o seu empresario — um presilheiro a quem ella havia de dar uma bofetada na cara, fosse onde fosse.

— Olé, uma bofetada, e vá que está com sorte!

E falou-me das grandes despêsas com vestidos a que o empresario a obrigava, montando uma nova peça; e disse-me tambem (e era isto o que a irritava) as insinuações que elle lhe fizera da alta pessoa que lh'as pagaria... uma vez que ella rompesse commigo.

Revoltada, exclamava:

— Todos me exploram. Uns por isto, ou-

tros por aquillo. O meu corpo, o meu talento, a minha alegria são delles. Põem e dispõem. E' quem mais puder sugar! O meu amor, esse, não o tomam a serio. Não conta. Ah, estou farta — até aqui!

E, offegante, levava as mãos á bôca e ao pescoço, como se estivesse respirando fumo negro que a abafasse.

Mas pouco depois, durante o jantar, não pensou mais na intriga de bastidores, nem no empresario, e riu de todos e de tudo. A vida é para ella o dia de hoje; o de amanhã a Deus pertence, ou melhor: — «amanhã Deus dará», como diz o seu aneximdivisa. E a verdade é que só tem horas attribuladas quando se esquece delle, pois basta, no meio de um temporal, que se lembre do rifão, ou lh'o lembrem, que é como abrir uma janela em quarto de asfixiado: fica outra, cantando o seu amado: — «Amanhã Deus dará!» Numa insomnia causada por qualquer difficuldade de dinheiro, recordarem-lhe o estribilho e ella

a fechar immediatamente os olhos e a entrar no somno, suave, como criança que não pensa, ou pessoa assisada que, ao adormecer, sabe que tem em ordem os negocios e a consciencia.

Todo o jantar foi um desses descuidados risos por cima de tudo e de todos. Eu ria tambem, mas, no intimo, soffria as suas leviandades. Num momento, Regina ficou séria, e com um sorriso sincero e condoído, o olhar lucido, aconselhou-me com amizade:

— Toma-me como sou! Não valho o que pensas. Eu sou o que não posso deixar de ser!

E estendia-me a mão leal; e falava-me com a verdade com que falaria á sua consciencia.

Impossivel! Regina ha muito que deixou de ser para mim quem é, para ser quem eu quereria que fosse, e não é.

*
* *

Regina tem no meu coração o seu mais sagaz advogado. Defêsa que elle não encontre ninguem a encontra. Ainda agora, em caminho de casa, pensava eu desculpando-a: «Como poderá ella defender-se dos homens, se é impulsiva e criança? Qualquer janota de bonitas gravatas e de bonitas palavras a engana!; e a sua vontade é mais quebradiça que um palito de resina sêcca! A maior parte das faltas que Regina commette não são della mas da sociedade em que a sua vida a obriga a viver. As nossas más acções são filhas das más acções dos outros. O que é bom é seu, o que é mau não é della!» E logo passaram diante de mim, em caravanas, os erros de Regina, e todos acompanhados do persuasivo advogado que me fala das suas

miserias passadas e, mais directamente, da meiga submissão com que ella supporta minhas desigualdades de humor e me ouve furias de amor-proprio mal cabido. Então, minha alma commovida invade-se de bondade e toda está pronta ao perdão e á confiança cega de a elevar. Nisto, encontro-me com o Marcos Reboredo, o lyrico dramaturgo, muito sabido em almas femininas, e digo-lhe, longamente, em que venho pensando. Elle ouve-me calado; por fim, pára na rua, embrulha um cigarro, e, olhando-me nos olhos, diz-me, por cima das lunetas, na sua voz insinuante e sumida:

— Essa mulher tem sapatos de chumbo: — não pode voar!

*
* *

A nossa casa das Amoreiras já não é o que foi. Regina, pouco a pouco, transfor-

mou-a ao seu feitio, e eu sinto-me outra vez na bohemia desse primeiro andar da rua da Trindade, que, aliás, me seduziu pelo estranho e desconhecido que para mim havia em tudo isso.

Eram simples e frescos nossos moveis: Regina trocou-os por outros, vistosos, a homens de leilões. A pacotilha dos bazares lentejoila por toda a casa oiros e pratas falsissimas; a casa de jantar parece a loja do «Gato Preto» — tanta a bonecada pendurada pelas paredes. As palmeiras, os licopodios, as avencas, viçosas nas mãos inapressadas da minha velha governanta, morreram; agora temos flores de cautchu!; e os leves cortinados inglêses foram substituidos por berrantes reps de algodão estampado, bambos de pó, mas confesso, espaventosamente mais decorativos, sombrios e mysteriosos que os outros. A mobilia do quarto de dormir é agora um voluptuoso Luis XV em nogueira; e nas paredes foi collado papel graná

com estrellas de oiro, a dizer com o tapete vermelho, as sanefas, os reposteiros e o farto docel da cama, de veludilho encarnado. Um oratorio, um genuflexorio de pau preto, religiosas oleographias de larga moldura doirada e uma discreta lampada côr de rosa, cintada de pedrarias, suspensa do tecto, completam o aspecto de sacristia rica e mundana, furiosamente perfumada a trevo encarnado, em que ella transformou esse quarto de dormir. O que a casa perdeu em elegancia e frescura ganhou em graça e lascivo aconchego: Regina pulverizou por cima de tudo a sua caricia de mulher e o eterno *odore di femina.*

A minha honrada governanta abalou para a terra. Substituiram-na varias amigas de Regina (a cabelleireira do theatro, a vizinha costureira, uma sua comadre) e todas sairam roubando-nos. Depois da Rosa, cada semana entram e saem novas criadas. Agora estamos reduzidos á cozinheira, mas, ou porque Regina se esqueça de

lhe dar ordens, ou seja pelo que fôr, vamos para jantar e... não ha jantar! A Regina acha infinita graça á «partida» e, emquanto eu, debalde, procuro pelos armarios uma toalha, vai ella mesma fazer o jantar: estrellar ovos!; mas em casa não ha ovos, nem manteiga, nem frigideira, nem carvão! Vamos jantar fóra. A Regina ri continuamente e come com dobrado appetite em dias destes incidentes!

Esperamos á porta da rua que a criada chegue do theatro; outro dia, fartos, de esperar, escalamos as janelas. A Regina, vendo-me, de casaca, a trepar á sacada, quasi que teve uma sincope de riso!

....

Emfim, para estar prevenido, tenho uma mala de roupa branca e um quarto reservado no «Bragança».

*
* *

Reconheço nesta hora lucida (que fumo estranho me nevoenta a vista a maior parte do tempo?) que estou sempre a ver em Regina as minhas proprias qualidades, os meus proprios defeitos; e que o voluntario exagero que faço da sua alma no bem ou no mal é no sentido da minha.

*
* *

No «D. Amelia» havia recita em beneficio de um velho empresario caído na miseria. De todos os theatros vieram actores. Casa á cunha. O programma era variado e longo, mas á ultima hora foram retirados varios numeros. Um actor de «D. Maria» não

quiz recitar por o haverem posto depois de um do «Gymnasio»; certa elegante artista do «D. Amelia» pretextou doença subita, notando que a collega com quem tinha de dizer um dialogo (expressamente escrito por um estudante que se estreava) trazia um vestido tão bem cortado e vistoso que tiraria todo o effeito ao seu; e um tenor da «Trindade» abespinhou-se até á raiz dos cabellos vendo no cartaz o seu nome composto em typo mais pequeno do que o da cançonetista Suzette da «Rua dos Condes».

Artistas annunciados faltaram. No jardim de inverno e no palco, acotovelavam-se actores, auctores, jornalistas e empresarios.

Nos bastidores, o actor Marques, de casaca, abotoava as luvas brancas e dizia para o lado, de mau humor, contra o beneficiado:

— Mas que favores devo eu a este malandro para gastar com elle um par de luvas?!

Avançou para a scena e, logo pondo a face compungida, recitou:

Venho aqui falar de alguem
Cuja vida de ventura
Se tornou em noite escura!
....

A estonteante Ismenia do Normal, em simples traje de passeio, entrou para recitar um soneto; e emquanto avidos binoculos de senhoras e de meninas examinavam o vestido e as joias dessa linda e lasciva mulher em evidencia, a Dorotheia — velha caracteristica aposentada — (nessa noite no theatro para acompanhar a sua afilhada discipula do Conservatorio) sentada junto do bastidor, perguntou para o lado a uma costureira que espreitava por um rasgão das lonas:

— Que homens tem agora esta rapariga?

A seguir a um grupo de bandurristas, veio ao palco um actor empresario, promotor do beneficio, discursar, agradecendo em

phrases de cartaz, gôrdas e communs, a collaboração de todos. Foi solemne. Collegas, dispostos pela categoria dos seus theatros e na atitude das suas especialidades scenicas, ouviam-no receosos como se fosse um debutante auctor dramatico e elles auctores do discurso pronunciado...

A protegida de Dorotheia recitou timidamente Garrett. Era loira e de maneiras suaves. O dramaturgo Marcos Reboredo, falando por cima das lunetas, — o macio Marcos — gabou-lhe as mãos delgadas e a prata da voz.

Discutiram-se as ancas da Suzette e as botas de engraxar do celebre Marcolino que acabava de recitar intelligentemente um dificil monologo, mas que viera mal vestido e mal calçado.

Houve imitações, scenas comicas e um côro de mulheres vestidas de marujos!

Regina cantou os seus varios papeis da revista em scena: foi pastora dos Alpes, Rua dos Doiradores, Secia, Telegraphista,

Margarida Gauthier, e, em *travesti*, Chico Banzé! A plateia riu e chorou. Regina fez de burguêsa ridicula na empertigada menina da Baixa, escrufulosa e belfa, que, na saleta das Silvas, valsa, languida, derreando o braço do Quim — seu derriço. Dizendo os sonoros versos da Phedra teve atitudes classicas e faceis gestos nobres. Vestida de varina, o busto cheio, as saias ensacadas, a meia branca, a chinela de verniz, o chapéu largo sobre o lenço amarelo, dansou modas populares, sacudindo os quadris, offerecendo o corpo em trejeitos lascivos — tudo acompanhado de cantigas em voz quente, de sombria sensualidade appetitosa. Voltou de Margarida Gauthier, pallida, o olhar mortiço, e fez, tossicando, a leitura da carta do 5.º acto, com tanta saudade e romanticismo na voz doce que a plateia commoveu-se e chorou. Por fim, saltou para a scena vestida de faia — jaqueta curta, calça de bôca de sino, chapéu para a nuca, melenas puchadas á testa

e cigarro bregeiro ao canto da bôca torcida e ordinaria. Gingando, contou historias canalhas commentadas com equivocos ritornellos ouvidos por cima da orchestra, muito sublinhados nas inflexões variadas.

Na plateia choveram palmas; e, entre scenas, amigos e frequentadores, enchiam-na de palavras de applauso de mistura com supplicas amorosas. Velhos sentiam por ella sensualidade commovida; desejavam-na collegas e comparsas; um bombeiro de serviço estacava nella os bogalhos dos olhos cúpidos; e um dos bandurristas — rapazola de casaca, imberbe, cofiando o bigode que não tinha, olhava-a dos bastidores, amoroso e timido.

Emquanto ella se despia fatigada, disse-lhe:

— Sabes porque agradas a tantos e diversos?

— Dize.

— Porque tens muitas almas.

— Muitas almas?!

— Sim. A tua alma são almas sobrepostas. Ora vives com esta, ora com aquella. Quando mudas de amante, mudas de alma. Mostras-te e dás-te pela que sentes mais agradar a quem te deseja. Quanto mais homens conheceres, mais differentes almas sentirás em ti. Folias com os alegres; sonhas com os poetas; os aristocratas, criados entre artificios, amam em ti, pelo atavismo de seus appetites grosseiros, teus instintos rudes, e tu amas nelles suas fidalgas maneiras; para os romanticos tens a magia da tua vida dispersa, e casam-se com esses espiritos as tuas inquietas aspirações. Os estroinas convulsionam-te a alegria e uma vez com elles és como elles; um imberbe amará em ti o prestigio do teu nome e das tuas saias, e tu amarás nelle sua mocidade ingenua e poderosa; e, num dado momento, a tua alma fatigada é capaz de querer com amizade amorosa a um bom velho delicado e de intelligente conselho, que traga um pouco de paz aos teus ner-

vos esgotados. E porque és sempre sincera comtigo, e porque de todos te agradas, todos se agradam de ti e te amam até á paixão! Mas não tarda que as tuas almas — tantas! — te ponham em conflicto comtigo propria e a ti com os outros: são as tuas tempestades de amor! O que és na vida és no theatro! O teu caracter é de cêra: molda-se a todos os papeis. Quanto mais caracteres crias, menos caracter tens.

Regina escutava-me serena, depois disse:

— Mas porque me accusas?

— Não te accuso, explico-te.

— Explicas-me! Que sabes tu de mim? Se eu propria não sei quem sou! Se eu propria tenho passado a vida a procurar-me, a procurar-me e ainda me não encontrei!

— Por isso mesmo, disse-lhe eu.

Mas ella, sorrindo triste, fez um gesto de desprezo para todas as minhas analyses vãs!

Era tarde. Saímos do camarim. No palco arrumado, subia lentamente o pano de bôca, e a sala, horas antes illuminada, estrepitosa de applausos e repleta da vida de mil espectadores, appareceu apagada, calada, com as longas filas de cadeiras desertas, camarotes negros de sombra, e tudo tão impregnado de mysterio e de escuridão que parecia que as almas dos velhos espectadores mortos voltavam alli, áquella hora serena, considerar no espectaculo das ephemeras glorias — esse para o qual o pano ia subindo lentamente sobre um palco vazio e diante de uma plateia vazia!

....

Descemos. Na estreita escada da caixa varios typos de mães e de amantes esperavam coristas.

*
* *

O encontro dos nossos temperamentos tão diversos, a nossa união apaixonada e tempestuosa é um disparate... logico! Coisa curiosa: uma harmonia estranha afaga as arestas mais afiadas dos nossos feitios, e enlaça estes modos de ser só apparentemente oppostos.

*
* *

Para Regina só ha tempo presente! O passado, bom ou mau, é para ella um vestido fóra da moda, e sem prestigio. Esquece-se igualmente de um inimigo, de uma joia, de um amante. Em si é nullo o sentimento de responsabilidade, como é nullo

o egoismo de uma boa acção. Tudo na vida lhe tem passado diante dos olhos vertiginosamente. A sua existencia é uma hilariante corrida para os toiros — o olhar estouvado — num carro aberto, a todo o galope!

*

* *

Ha dias que no oratorio de Regina arde, de manhã á noite, uma lampada de azeite. A' hora das rezas, Regina fecha-se no quarto, accende todas as velas e queima incenso. As suas preces, imprecando violentamente, mais parecem esconjuros que orações; e esta primeira parte é dura, raivosa, extenuante. Depois, começa a falar em voz alta com os santos, dialogando com elles num perfeito naturalismo:

— Anda, move-te, faze o que te peço, não te dês ares de mau!

Espera, sorri, e, por fim, chora. As supplicas são, então, humillimas; as mãos afagam as imagens e acarinham-nas contra o seio; e a bôca beija-as demoradamente e diz-lhes ao ouvido, baixinho, coisas que, pelas piscadellas e pelos tregeitos com que as acompanha, mais parecem lubricos promettimentos: o coquettismo que usa com os santos não faz differença do que usa com os amantes!

Terminando, põe as imagens no oratorio, e fica muito tempo, em silencio, a olhar para ellas — a olhar, como esperando que os santos abram a bôca para responder ás suas supplicas insistentes, ou abanem a cabeça dizendo que sim. Por fim, beija-as de novo, demoradamente, uma a uma, colloca-as nas peanhas, fecha as vidraças do oratorio, apaga as velas, e vai deitar-se, metendo debaixo do travesseiro o seu rosario, um maço de cigarrilhas, o meu retrato e pastilhas de «Sem-Sem».

A religião é capaz de a conduzir a um manicomio ou a um convento.

*

* *

Reconheço agora: a novidade destes amores foi o que interessou a Regina. Lembro-me do que ella dizia nos primeiros dias da nossa installação nas Amoreiras:

— Gósto desta paz, desta ordem! Aqui está uma coisa nova para mim.

Mas tambem gosta do tumulto a contrastar nesse socego. Quantas nostalgias lhe adivinho!

Não tem que ver: é a novidade! Estando na desordem, a paz sorri-lhe; na paz, ama o barulho, o carnaval.

Nos amores o mesmo: um romantico sedu-la, se vier depois de um esturdio — de um vulgar; como amará um toireiro

aguardentado, se estiver a viver com um poeta lyrico.

Qualquer fixidez, seja de que natureza fôr, a fatiga. Para ella, viver é agitar. Vida diversa — vida interessante. O imprevisto é tudo. Viver é passar da serenidade ao tumulto, do tumulto á calma. A aventura tem magias. A vida só é vida quando fórte. Só as inflexões rijas marcam; só os passos riscando o chão, os gestos irritando o ar contam numa existencia. Ah! o que ella ama é a vida affirmativa; a vida na variabilidade pittorêsca dos seus poderosos aspectos; a vida — toda vivida!

*

* *

Foi um brasileiro quem deu á Regina o adereço de turquêsas e brilhantes; mas não era a este que se referia a carta anonyma, que, aliás, não mentia...

*

* *

NOTA.—João não diz aqui e nunca disse a ninguem, creio, que traições foram essas: aquelle aristocratico espirito tinha os mais susceptiveis pudores. Algumas dellas soube-as, eu, tarde, da propria bôca de Regina, contadas naquelle tom familiar que a sua liberrima inconsciencia moral punha em similhantes relatos, inconsciencia logica como mathematicamente certos eram todos os actos de Regina—resultantes de um impulsivo temperamento jamais coagido, resultantes da inferior educação que tevera e do viciado meio em que vivia. João nunca viu isto assim, nem podia ver. A's vezes, porem, parecia comprehendê-la e, portanto, desculpar os seus maus actos, attribuindo-os, justamente, ao impune crime de todos nós que formamos a sociedade. Mas outras vezes, intromettia-se nos seus juizos a furia cega da paixão egoista e restricta e condemnava acções que melhor fôra intelligentemente desculpar e generosamente esquecer. Mas tambem isto era nelle o logico procedimento das almas apaixonadas que nunca souberam ser justas.

Chegara do Rio de Janeiro, com um par de contos de réis, a celebre actriz-cantora Zulmira — a grande amiga e a grande rival de Regina. As estadas em Lisboa dessa mundana coincidiam, por via de regra, com os mais ruidosos disturbios de Regina que em nada queria ficar atrás do que fizesse essa collega que enlouquecia Lisboa com as suas *toilettes* parisienses, com o estrepito das ceias que offerecia, com o luxo das carruagens que rodava. Zulmira, apesar de haver arruinado varios homens, tinha inevitaveis periodos de decadencia: corria então ao Brasil, e, bem contratada, em pouco tempo enchia-se de joias e de dinheiro. Voltava remoçada e appetitosa; e o espavento do seu nome e da vida que fazia cercavam-na de admiradores. Ultra-vaidosa, uma vez em Lisboa, Zulmira tinha o *sport* de roubar homens ás suas amigas e conhecidas em evidencia. Regina sabia-o e batia-se cegamente contra ella. Ora ao tempo que Zulmira era esperada em Lisboa, um rico industrial cercava Regina com insistentes pedidos de amor, mas a apaixonada de João Eduardo negava-se-lhe obstinadamente. Chegou Zulmira e logo o conhecido financeiro desviou para ella os seus passos e propostas. Regina estimulada, caprichosa, põe-se então em campo e venceu a sua collega Zulmira.

Regina teve uma filhita á morte com garrotilho. Tratou-a o chalaçudo dr. Ramos, medico do theatro, que dessa vez foi terno e extremosissimo. Essa mãe afflicta passou noites inteiras junto da cama da criancinha—apavorada de a perder; mas na madrugada em que o medico lhe affirmou que a sua filha estava salva, Regina teve um tal arrebatamento de alegria e de reconhecimento que se atirou louca ao pescoço do medico amigo, enchendo-lhe a cara de lagrimas e de beijos agradecidissimos; e, num deliquio enternecido, sorrindo com beatitude, toda se deu — alma e corpo — na mais plena e commovida das gratidões!

Houve um outro caso e esse excessivamente estranho, mas sem deixar de estar, repito, dentro da logica da sua defeituosa educação e criminosa convivencia. Regina, por vezes incerta no amor que João lhe tinha, por vezes tremendo que tudo aquillo desabasse de um momento para o outro, poz em pratica certa depravada receita que uma supersticiosa amiga de theatro lhe ensinara como infalivel em inflamar amor no coração dos homens que brincam com o amor das amantes apaixonadas: atraiçoá-los com o primeiro vindo!

Três curiosos motivos de traição: o capricho, o agradecimento, a superstição!

De resto, ella tinha o amor generoso: um conhecido folhetinista dizia uma vez á porta da Havaneza:

— Essa Regina é tão boa rapariga que não sabe dizer que não!...

Ella contou-me todas estas coisas sem a mais leve sombra de escrupulo («que nada disso tinha que ver com o seu amor por João», dizia) e, através de tudo, considerava-se pura («nunca me saiu do coração, portanto nunca pertenci senão a elle») — pura como a Marion De Lorme ao pôr na face do seu bem-amado Didier aquelle beijo de amor que lhe custou o ter de entregar-se aos desejos do covarde Laffemas! — MANOEL DO MONTE.

*

* *

Definitivamente, rompi — fugi. Ha semanas que vivo uma irreconciliavel vida entre consciente e inconsciente; querer e não querer; saber que se rola num mau caminho e não poder deixar de rolar nesse mau caminho! Mas agora tudo acabou!

Nesta montanha, neste isolamento, hei de vencer-me. Livros sãos, intuitos nobres hão de auxiliar-me em meu proposito tenaz. Esta paixão não tem sentido: é um amor esteril gastando-se em tormento.

Mas, afinal, porque gósto eu tanto della? Sei e não sei. Para que dizê-lo? Pois não sabem todos o que isto é? Julgamos-nos originaes e ha seculos que nos repetimos, nos repetimos...

No entanto, no meu amor ha uma dôr nova: a de me analysar: — a de pensar meus sentimentos. Quisera amar liberrimamente — com a fé dos olhos fechados. Não posso. Considero-me, soffro. A minha intelligencia vê os erros deste amor e aponta-os ao coração que logo os sophisma. E' um conflicto entre instintos e intendimento. A analyse roe-me; não obstante, ha em mim qualquer coisa que me não deixa ver claro — penetrar até o fim. Apesar de tudo, nada sei de mim! Vou até a consciencia, depois, dahi para dentro, per-

co-me. Sinto que não sou eu quem pensa, mas alguem em mim. E' um baralhar de coisas na minha cabeça!... Os meus raciocinios dispersam-se. Um cachão de ideias: mil perguntas e mil respostas — pesarosas discussões!

Se, porem, levanto do chão meus olhos consumidos e os poiso neste retrato de Regina, que tenho aqui presente, tudo se cala em mim ante esse seu sorriso facil e ironico para todas as coisas vãs do pensamento incerto, que não valem — affirma elle — a verdade da penetrante caricia da sua alma de mulher!

*

* *

Ha temperamentos que precisam de dramatizar a vida; e quando esta não fornece drama, necessidades pathologicas lh'o criam. Ambos amamos essas tempes-

tades: ella porque é hysterica, eu porque sou romantico. O amor entre romanticos e hystericos alimenta-se de tumulto.

*
* *

Quando rompemos com a mulher amada é que nos damos a prova exacta do quanto do nosso amor: se podemos viver sem ella, estamos salvos; se não podemos a desgraça é sem remedio!

*
* *

Sentia-me tão forte para a separação e, afinal, não tinha ainda saído a porta da rua e já me estrangulava a saudade de a deixar, e cordas rijas me entropeçavam os pés e m'os puxavam para trás!

«Terminou tudo!» — dizemos. E começa tudo!

*

* *

Como descobriu Regina onde estou! Delicioso afago foi para a minha tristeza a sua carta de hoje lida e relida! De tudo me esqueci, vendo a sua letra e sentindo o seu perfume — tão querido!

«Meu João: *

Porque me fugiste, amor? Se tu visses como fiquei, quando soube da tua partida, terias dó da tua Regina que tão doente está! Tu matas-me, meu amor. Ao menos porque te não despediste de mim? Que

---

* E' esta a carta a que João se refere. — MANOEL DO MONTE.

mal te fiz para tamanho castigo? Oh, não te perdôo que ao menos me não tivesses dado um ultimo beijo. Separados! Nem o quero acreditar! Mas resignar-me-hei, uma vez que sejas feliz. Que importa que eu soffra, se tu estás tranquillo? Não voltes, meu João. Só o que me custa é saber-te sem o meu carinho. Doe-me perder-te, meu amor; sobretudo, sinto não te haver inspirado o amor que me inspiraste. Sempre ha um que ama mais do que o outro!... Cansaste! Paciencia. O que eu quero é que sejas feliz. A tudo me subjeito, a tudo menos a não pensar em ti, a não te amar sempre, sempre, meu João, como ninguem jamais te amará! Mas vive tu ahi socegado e não te occupes mais desta cabeça louca. Toma-me como sou, e perdôa-me o que te tenho feito soffrer, tu que és bom e generoso. Beija-te as mãos por tudo que lhe fizeste, beija-te os teus lindos olhos a tua, só tua

REGINA.»

*

* *

«Não * me digas, querida Regina, que te não amo. Amo-te demais! Amo-te tanto que renuncio a viver comtigo, porque o muito amor traz a infelicidade na felicidade!...

Ambos nos encontrámos na vida numa hora de infinita ancia de amor; a experiencia está feita: eu não posso realizar a felicidade comtigo nem tu commigo! Amo-te sem medida! Eis o mal. Se...»

....

---

* **Esta carta, que não foi decerto a que Regina recebeu, está apenas começada.—Manoel do Monte.**

*
* *

Embora o meu unico gôsto e allivio neste isolamento seja o escrever á Regina, ha dias que me contenho e não respondo ás suas cartas, porque o saber que a minha amante soffre por mim me dá confiança — confiança e prazer!

*
* *

«Meu João:

O teu amigo Manoel do Monte convenceu-me de que não procure mais ver-te. Prometti-lh'o, e elle saiu contente, porque não representei mal o meu papel... Ah! mas o que se passou quando me vi só escusas sabê-lo. Digo-te sómente, meu bemzi-

nho, que esse esforço me atirou para a cama! Hei de resistir, acredita. Está tranquillo que estalarei de dôr, mas ninguem perceberá o que soffro por ti, e nunca mais te importunarei. Esta é a minha ultima carta! O meu trabalho me distrahirá, sobretudo agora que vamos ensaiar uma opereta nova de grande espectaculo. O que me custa é ter de voltar a essa vida antiga, de que já andava tão afastada, e de me ver cercada de pessoas de quem fugirei tanto quanto possa... Hei de divertir-me o mais possivel, mas nunca esquecerei o enorme amor que tenho por ti. Vou sair desta casa onde tudo são recordações que me entristecem — que me matam. Nunca mais jantei á nossa mêsa, nunca mais me deitei na nossa cama, e as poucas vezes que tenho dormido em casa tem sido em cima da *chaise-longue* para onde me atiro, depois de muito fatigada — depois de passar o dia e grande parte da noite aturdida entre gente que me não lembre a minha vida desgra-

çada! Sabes que não sei esquecer de outra maneira. Mas, ai de mim, vejo que, por mais que faça, te não posso esquecer! Vou hoje buscar uma amiga para me ajudar a ver casas. Esta abafa-me, mata-me. Ah meu João, como sou infeliz! Mas não me queixo senão da minha sorte! Como estou mudada do que fui! Não será isto o verdadeiro amor? Razão tinha eu de lhe ter mêdo! Tanto amor para quê? Para te perder! Vou comprar todos os teus livros de versos. Quero lê-los e tê-los sempre commigo. Adeus, até um dia que volte a ver-te, tarde, tu curado, eu talvez mais desgraçada do que nunca! Ainda uma vez: adeus, meu adorado amor! Não posso mais. As lagrimas molham-me as palavras. Vou deitar-me, a ver se durmo. Dormirei? Adeus, adeus até um dia muito tarde!

Sempre tua

REGINA.»

para a vidairada. Pobre della e pobre de mim... Quanto mais se embebedar, mais eu terei de soffrer. Mas que direito tenho eu?... Sim e não! Se eu a pudesse esquecer? Como? A minha cabeça endoidece. Já estou arrependido de a ter deixado: talvez a pudesse salvar ainda. E agora? A que terá ella mais descido? — «Cercada de pessoas de quem fugirei tanto quanto possa»!

....

*

* *

Regina continua sem me escrever; mas hoje mandou-me o seu retrato tirado nestes dias de separação. Está vestida com os vestidos a que ella sabe me prendem as melhores recordações... Traz estas palavras nervosamente escritas: «ultimo adeus». E só estas!

*

* *

Mais outros três dias sem carta de Regina!

*

* *

Não pude mais e corri a Lisboa. Cheguei de noite e fui direito aos theatros ver se a via, mas em nenhum estava. Entrei em todos os restaurantes e rondei todas as portas dos gabinetes reservados, e nada apurei della. Fiz varias vezes o caminho das Amoreiras, e, perto das três da madrugada, recolhi-me ao hotel, insoffrido de a não ver. Onde estaria ella? Não pude dormir! Saltei fóra da cama, e, de novo, me encaminhei para as Amoreiras, pela rua Larga de S. Roque, espionando os ra-

ros grupos e as raras pessoas que por mim passavam nessa noite escura, parecedendo-me ver Regina em tudo e em todos. Em S. Pedro de Alcantara, cruzei uma patrulha, e na rua de D. Pedro V apressava-me a fugir do pó de um carro varredor quando vi sair da rua Formosa uma mulher que logo voltou para os lados do jardim e seguiu rente com as arvores. Pela figura, pelo andar, pelo longo casaco escuro pareceu-me Regina. A' Escola Polytechnica, atravessou a rua e entrou num restaurante que tinha ainda meia porta aberta; e quando dahi a pouco a vi sair confirmei-me na suspeita de que era Regina. Ia-a seguindo a distancia, quando ella dobrou derepente para a rua da Imprensa Nacional; corri então até á esquina e cheguei ainda a tempo de ver a casa para onde entrara e defronte da qual estaquei estupido. Quem moraria ahi? Desci a rua sem ver ninguem, tornei a subi-la, parei, esperei ainda, e depois fui-me para os la-

dos da Escola, batendo palmas pelo guarda nocturno que appareceu e me informou de que no primeiro andar dessa casa morava um militar com familia, no segundo uma rapariga que estava com um ourives da rua do Oiro, e na trapeira, costureiras. Resolvi voltar para o hotel, e, sempre ruminando o caso e sempre sem atinar, achei-me, sem saber como, no largo das Amoreiras e puz-me a olhar para a casa de Regina, que, fechada e silenciosa, parecia guardar contra mim, obstinadamente, certo segredo. Lembrei-me então de que tinha no meu mólho de chaves os trincos dessas portas, e, devagarinho, abri a de entrada e logo senti vivamente o perfume do corpo de Regina. Quasi rastejando, fui subindo as escadas, e, parecendo-me ouvir gargalhadas, parei suffocado! No patamar, escutei e não ouvi vozes; mas abrindo, com mil cuidados, a porta, de novo ouvi um como cochichar de pessoas que falavam a mêdo. Dei passos, collado á pa-

rede, e á entrada do quarto, afastei o reposteiro e vi, na meia luz da lamparina, que alguem estava deitado com Regina! O meu sangue e a minha cabeça ferveram, e um impeto estranho de estrangular me parou os olhos e a bôca, e me crispou as mãos, e me atirou sobre a cama! E emquanto Regina gritava, eu, doido, esmagava almofadas, o edredão, vestidos enrodilhados nas cadeiras, cortinados e reposteiros! Mas as minhas mãos, buscando estrangular um homem, não estrangulavam senão sombras! Depois — a cabeça inteiramente perdida — voltei a Regina e gritei-lhe furioso:

— Regina, com quem estavas tu, com quem estavas tu?

E ella, absolutamente tranquilla diante dos meus olhos em brasa, respondeu-me a chorar e a sorrir:

— Sonhava comtigo, meu amor!

Tudo aquillo fôra uma alucinação dos

meus ouvidos e dos meus olhos cheios de Regina! Então, precipitamo-nos freneticos nos braços um do outro, numa furia diabolica de infinitos desejos espiritualizados!

*

* *

Para Regina a bondade no amor é fraqueza: o meu perdão não é generosidade minha, mas conquista sua. Assim vê as coisas a lucida vaidade das mulheres!

*

* *

Nossas almas andam agora tão medrosas que o riso nos sai engastado em dôr. Minha fraqueza é como o remorso!; mas na consciencia de Regina mora ainda a idea de que se concertará esta illusão partida!

Ajudando-nos aos dois, no mesmo empenho de nos esquecermos de nós proprios, cuidamos dos nossos sonhos — do que resta delles! — como se fossem doentes queridos em perigo de vida!

No nosso trato, pomos a polida timidez das primeiras relações: bato receôso á porta do seu camarim; convido-a discretamente para cear, e durante a entrevista dizemo-nos coisas faceis e doces, como se nos começassemos a conhecer; tenho palavras demoradas no elogio da sua arte; e outro dia surprehendi-me a namorá-la da plateia para uma frisa de onde ella assistia ao espectaculo, e por um momento saboriei o prazer esquecido dos primeiros desejos de conquista... Moramos separados para eu entrar no hotel com o cuidado de a ter deixado, e sair com o cuidado de voltar a vê-la. E, assim, os sorrisos das chegadas e a amargura amavel das despedidas se repetem todos os dias. Saio das Amoreiras, ás primeiras horas da madru-

gada, com ar de vir de uma aventura occulta e feliz; Regina, vestida de branco e com os cabellos ainda quentes da travesseira, vem á varanda dizer-me adeus e as nossas despedidas são arrastadas e de olhares pesarosos.

Hoje disse-me com um sorriso de esperança a luzir-lhe na alma:

— Vês? é preciso esquecer para sermos felizes!

Respondi:

— Esquecer, esquecer! — dolorosa condição!

*

* *

Regina pegou-me as suas superstições: hontem fomos «ás vozes» — ultimo augurio a consultar sobre os nossos amores desnorteados. Ao dar da meia noite, lá estavamos, sumidos na sombra do portal da Sé, espionando, nos mais pequenos rumo-

res — «vozes» ou «echos» — vaticinios menos afflictivos do que os que nos veem ha dias predizendo os maus agoiros! Noite escurissima; chovia; ventava. Ninguem, por esse sitio soturno. Nisto, dos lados da Magdalena, surgiram pessoas apressadas conversando alto. Regina desceu a tremer os degraus do adro da cathedral e foi postar-se debaixo de uma arvore que ramalhava sinistra. O vento torcia-lhe o guarda-chuva e levava-lhe a capa pelo ar. Desci para o lado das Cruzes e esperei. Dahi a pouco, Regina veio ter commigo e trazia estas palavras incertas — as primeiras ouvidas a um dos passantes: *«Que pena!»;* e já fazia, á volta da phrase, composições desalentadoras («que pena» não nos entendermos; «que pena» tanto amor perdido!...) quando vimos, lá em baixo, nas Cruzes, um estranho vulto negro arrastando-se collado á muralha do templo. Bateram horas na torre; Regina enlaçou-se em mim apavorada; e o vulto, que

era o de uma aleijada mendiga embrulhada em misero chale, foi-se aproximando e vinha falando só. Então, ouvimos, por entre mastigadas falas rancorosas, as palavras «*Aguas do mar*», e logo a seguir: «*Morte!*».

Instintivamente, apertámo-nos um ao outro. Regina batia os dentes, tremendo; e eu senti que me pregavam os pés na soleira da porta! Minutos segui com o olhar fixo a velha rastejando — negra como uma praga — e Regina, transida e encolhida contra a padieira, agarrava tenazmente as mãos aos olhos e aos ouvidos para nada ver nem ouvir!

Chovia; e o vento irritado soprava a luz nos candieiros.

*

* *

Regina dorme a sorrir com a cabeça posta no meu peito e não vê a minha insomnia nem sente o meu rancôr contra ella.

Agora o meu amor só sabe odiar! Odio nascido da vergonha e da cobardia de a detestar, amando-a; de querer fugir-lhe e de não saber senão correr para ella! Nossos prazeres rematam em desgôsto: ainda as bôcas nos sabem aos beijos dados e já as torce o tedio e o insulto. Então, sobe em mim uma irreprimivel bilis de rancor e nella se transvaza devagar alfinetando-lhe a alma. Outro dia, ao ver-lhe no brilho dos olhos e na ironia da bôca um venenoso prazer — resposta á minha pungente lastima: — «como eu tenho baixado, Regina!», pronunciada num misero chôro pela minha alma infernizada; ao perceber-lhe esse felino orgulho de femea vencedora, tive um inaudito rebate de colera e pisei-lhe o corpo aos pés! Regina gemia e gosava voluptuosamente a furia cega do meu odio, e no final dessa incrivel violencia ergueu-se, encarou-me bem de frente, cerrou os punhos, bebeu as lagrimas que lhe caiam nas faces afogueadas, e com as

narinas a arfar de vaidade disse resoluta:

— Amo tanto o teu odio como o teu amor!

E pousou-me na face um beijo sereno. Então, arrastei-me de joelhos diante della e roguei-lhe humillimos perdões, numa contricção absoluta de alma amorosa e envergonhada; e cobri-lhe de beijos e molhei-lhe de lagrimas as nodoas violaceas que a minha brutalidade macerara no seu corpo amado! E nunca os nossos arrebatamentos de amor deliram com tanta ardente vida espiritual como quando se seguem a este troar de tempestades!

Outras vezes, Regina succumbe á carga dos meus insultos e chora caladas lagrimas, vendo o soffrimento do meu amor; e, quasi certa de que não tem remedio este mal de amar, diz-me com fundo desanimo:

— Porque só agora te encontrei na vida, meu João? Tu vieste, mas vieste tarde. Quero amar-te e não sei! A minha vida é tão malfadada que sem eu querer enveneno tudo, estrago tudo em que toco! Nós não sabemos fazer ninguem feliz!... Que pena encontrar-te tão tarde, meu João!

Regina, os braços caídos, as mãos cruzadas e lassas, os olhos no chão, chora lagrimas pensativas; e eu fixo o olhar numa begónia triste que se sécca num vaso triste, e a minha alma enche-se de sugestões de coisas paradas, de coisas vãs, de coisas irremediaveis!

No entretanto, Regina sente em si o latejar da vida a salvá-la das situações deprimentes; e, num resoluto esforço, enche a sua face de alegria para me alegrar; mas, pegando na guitarra e pondo-se a cantar uma leve canção popular, logo seus dedos descaem tristes no tom choroso do fado — disfarce de amarguras!

Regina canta:

Quando o fado é rigoroso
Nada vale á infeliz:
Nunca ninguem alcançou
O que a Fortuna não quiz.

A sua bôca, entreaberta, soffre cantando; e os ais da trova são soluços da sua garganta em dôr. Todas as suas aventuras lhe passam diante dos olhos como num minuto lucido de agonia passa por nós a vida inteira... Sentada na borda da mêsa, tem as pernas cruzadas (ninho quente de desejos) e os pés bambos — pés cansados de correr mundo em busca de amores... As narinas arfantes respiram a saudade de passados gósos — sonhos quebrados; e a guitarra chora com volupia essas alegrias amortalhadas. Andam no ar as ancias, as aventuras, as maguas, os desastres de todos que penam de amor!

Regina canta:

E se acaso te arrependes
De algum bem que me fizeste
Dá-me os beijos que eu te dei,
Eu dou-te os que tu me deste!

Na sua voz cheia de fado ha o desalento, ha a ironia vencida das desgraças a que ninguem pode fugir na vida! Mas o chôro da guitarra dá incanto a essa amargura e gôsto á miseria de amar.

Regina canta:

Não tenho de ti reserva
Pelo mal em que me deixas;
Por mais que se pise a erva
Nunca á erva se ouvem queixas.

Regina canta, canta... e a minha alma, dependurada dessa linda bôca dolorosa onde borbulham mundos de ternura, quer

ennovelar-se com a sua, no mysterio da alegria na dôr!

....

*

* *

Entregue a si, Regina cada vez mais enreda a sua vida — a nossa vida. Neste naufragio, segue todos os conselhos e recorre a todos os expedientes que lhe apontam collegas e amigas — fufias amigas que se pagam por suas mãos, levando-lhe, a titulo de emprestimo, roupas, chapéus, vestidos e joias. Nos passeios de carruagem, nos camarotes dos theatros cerca-se dellas e de novos apresentados que depois a acompanham a ceias ruidosas que terminam, Deus sabe como!, ás primeiras horas da madrugada. Não dorme duas noites seguidas no mesmo leito: — serve-se dos das amigas, ora aqui aqui, ora acolá.

Passa o dia na cama e á cama a veem, correndo, acordar para ir representar. A semana passada, no Estoril, Regina ganhou á roleta varias centenas de libras que em poucos dias dissipou, com estrondo, em vestidos, joias, passeios e ceias. E ninguem ficou nem triste nem pobre ao lado della! Mas hoje voltou ao jogo e lá deixou o dinheiro que lhe restava, o que lhe emprestaram e o que poude, derepente, obter, empenhando, sem sair do Casino, as joias que trazia em si. Dormiu em Cascaes; e como, á ultima hora, perdesse um «rapido» da tarde, veio em trem, a todo o galope, para o theatro da Trindade, onde chegou quando já a orchestra executava os primeiros compassos da symphonia de abertura da opereta que Regina cantou com voz velada.

Nestes boléus, falha a saude, falha na arte. No theatro, as multas absorvem-lhe os ordenados; e a indisciplina dos seus nervos arrepiadissimos poem-na em crise,

cada noite, com collegas e empresarios. E faz tudo isto, diz-me ella, com olhar tragico e dolorosas lagrimas na voz, «para me esquecer de ti, para me aturdir!»

Sabendo-a livre, cercam-na mil pretendentes; antigos amantes, encontrando o caminho franco, rompem a direito; e alcaiotas de má fama e macias palavras entram-lhe impertinentemente por casa — até o quarto de cama!

....

Na rua sou apontado a dedo.

*

* *

Hontem, numa hora de tedio negro, Regina, despenteada, encolhida e enrodilhada numa capa a um canto da *chaise-longue,* dizia, absolutamente enjoada de si, de todos, de tudo — da vida:

— Devo feder! Sabes? Queria que me

varressem para uma sarjêta e me levassem de madrugada na carroça do lixo!

*

* *

— Se tu soubesses perdoar, ainda poderiamos ser felizes!, diz Regina.

— Dize: se eu pudesse esquecer!...

— Esquecer! E cuidas tu que eu sou de outro por estar uma hora com elle? Uma hora! Que lhe dou? Nada. Dou-lhe mentira!

— Dás-lhe illusão!: — dás-lhe tudo!

— Tudo é o que eu te dou, porque te dou o que tenho e o que não tenho; como me conheço e como me ignoro: — como só sou para ti.

....

*
* *

— Tu não és como os outros, dizia Regina.

— Amanhã serei para ti como os outros!, respondi.

— Como os outros, porque?

— Porque quando eu não estiver junto de ti, depressa se dissipará este interesse só por mim despertado e alimentado.

— Dizes...

— Que na tua alma havia puros instintos que vi e lisonjeei.

— E' verdade!

— Mas esse apreço infundido por mim desaparecerá desaparecendo eu.

— Não intendo.

— Não mais serás de outro como foste de mim!

— Que queres dizer?

— ... para os outros terás outras almas. Tu tens muitas almas. A que me enamorou de ti, essa, levo-a commigo, é minha, criei-a eu!

— Não comprehendo.

— Não comprehendes?

— Não; mas sinto que morri para ti!

*

* *

«João:

Vou dizer-te o que não tive coragem de te dizer, cara a cara, esta manhã; mas desde já te peço mil perdões se acaso te maguar com este meu ultimo desabafo. Ha muito que tinha comprehendido que no teu coração morrera o doido amor que me tiveste. Ha muito que isto não era felecidade mas desgraça e só desgraça. O que me faltava era coragem para fugir de ti. Prendiam-me as tuas bonitas palavras,

os sonhos com que me embriagavas, o teu calor. Agora a minha resolução é firme: quando receberes esta, estarei longe daqui. Vou abafar em mim, á força, o unico grande amor de toda a minha vida. Levo a alma completamente perdida, agora que eu pela primeira vez senti que a tinha. Estou espiando com estas amarguras todas as dôres que pela vida fóra dizem que tenho causado. Sei que vou soffrer horrores, mas tudo prefiro a este morrer aos poucos. Envio-te o que te pertence, menos o primeiro retrato que me offereceste. Deste não tenho forças para me apartar. Aqui o tenho diante de mim, com a tua linda triste expressão. Beijo-o com ternura desesperada, entre soluços, sem uma unica esperança! Encho-o de lagrimas, choro nelle o nosso passado. Ah, meu bemzinho, quem me diria que havia de acabar este doido amor que te vi nos teus lindos olhos! Estalo de saudades! Não sei o que vai ser de mim, nem para onde

irei. Aqui não posso estar. No meu theatro tambem não quero dar glorias ás collegas... Ah, que desesperada situação é esta minha! Tu, sempre tão generoso para com esta cabeça tonta, desta vez és cruel! Queres matar-me aos poucos, com os teus desprezos, com as tuas *analyses.* Que mal te fiz para similhante martyrio? Não sou superior a esta tortura. Não quero medir nesta luta os meus delicados nervos que são a minha força, mas são tambem a minha fraqueza. E' melhor acabar de vez. A tua indifferença é gelo, é morte. Preferia o teu odio que, bem o sentia, era ainda amor! Essas tempestades eram a vida do nosso amor. Agora, se és bom para mim é só por generosidade. Obrigado! Acceito a tua compaixão, mas distante daqui, para a não ver nesses olhos em que vi amor louco. Deixa-me dizer-te, pela ultima vez, embora o não acredites, que nunca amei ninguem como te amo a ti. Foste o meu tormento, a minha

paixão. Sei que sou cheia de defeitos, mas sei tambem que sou boa rapariga. Devias ser superior aos meus erros e nunca tomar como quebra de amor o que, quando muito, foi leviandade. Verdadeiramente, nunca te atraiçoei. Se me tivesses intendido, teriamos sido felizes. Mas eu não te accuso. Peço-te mesmo perdão de não ter sabido reprimir este desabafo. A minha resolução está tomada: *serás o meu ultimo amante!* Podes orgulhar-te disso. O ultimo! Jurei-o hoje diante dos meus queridos santos. Na minha alma viverá sempre, como luz sagrada, a tua imagem e ella me guiará os passos, na vida atribulada. Ah, o que eu vou soffrer! Nem me quero lembrar do que será amanhã para mim o mundo sem ti. Isto é de endoidecer! Mas Deus me dará coragem. Adeus, minha vida. Rasga-se-me a alma! Perdi para sempre o meu João! Nunca mais ouvir-lhe a voz, nunca mais beijá-lo, nunca mais ter o doido incanto de o

apertar ao coração! Adeus. Endoideço. Choro muito. Perdoa. Eis o que a minha bôca não teve coragem de te dizer. Adeus, minha alma. Adeus, meu ultimo amante. Adeus até á morte, meu unico amor nesta vida!

REGINA.»

*

* *

Ha três dias e três noites que a procuro por toda a parte sem a encontrar!

*

* *

Novo encontro, que teve a frescura de um primeiro encontro..., mas a que se seguiu o fastio, o encolher de hombros, o desgôsto, e o desespero contra fraquezas inevitaveis. Agonia do amor, feita de

irreprimiveis desejos, de tedio engulhento e de raivas estranguladas nas nossas gargantas em fogo. Miseria de amar!

*

* *

Para que me falo, se os meus ouvidos são furados de lado a lado para os conselhos que lhes dou? Para que me analyso se, afinal, não conto com o mando da minha razão? Meus instintos não são criados da consciencia: são amos e amos poderosos, matreiros e autoritarios! Amos? Então eu sou uma inconsciencia atada ao corpo de uma mulher? Não sou! A minha intelligencia ha de ver claro, a minha vontade querer e este conflicto terminar.

*
* *

A separação é inevitavel, e agora definitiva: parto por estes dias para o estrangeiro e ella, no começo do verão, num grupo, para o Brazil. Planeamos separarnos a bem, serenamente — resignados á imperiosa força das coisas, que absolutamente nos prohibe de realizar o sonho da nossa vida de amor! Regina chama a isto fatalidade; eu chamo-lhe verdade.

Ha semanas que em vão vinhamos tentando esta separação! Ha semanas que nos diziamos: amanhã será a nossa ultima ceia, o nosso ultimo passeio nocturno, a nossa ultima noite de amor! Agora chegou a Paschoa, e Regina, esgotados todos os recursos de adiamento, mas sempre esperançada, supplicou-me que passassemos os nossos ultimos três dias muito

longe de Lisboa, muito sós, num sitio onde ninguem nos conhecesse; e logo lhe occorreram nomes de cidades e de villas do norte do paiz. Procuravamos, mentalmente, qual devia ser, quando Regina disse de subito:

— Achei: o Bom-Jesus do Monte que eu nunca vi. Combinado?

— Combinado. Partiremos hoje á noite.

E partimos.

Foram três dias doces e tristes. Ambos faziamos os maiores esforços para que elles nos fossem amaveis e mais nos parecessem primeiros que ultimos... Regina, fatigada de mil commoções, parecia uma convalescente; e no seu rosto havia um nimbo de tristeza espiritualizando-lhe a pallidez da figura soffredora. O Bom-Jesus estava deserto, as arvores frescas, e sobrios de alegria esses claros dias de março. Sentavamo-nos á beira das fontes e passeavamos pela montanha, parando a

olhar, pela clareira das arvores, o lindo valle; e ambos ficavamos calados.

— Em que pensas, Regina?

Regina saía assustada do seu silencio e dizia:

— O quê?

— Em que pensavas?

— Que a vida, afinal, é bem simples!

— Aqui, nesta paz, longe de tudo que nos desgoste.

— Neste socego..., dizia ella enternecida.

E punha-se a olhar o valle amigo, com olhos longos e gratos.

Eu disse-lhe:

— A cidade é má.

E ella, subitamente, com voz repugnada:

— A cidade endoidece-me!

De novo ficavamos calados a olhar a serena païsagem impregnada da singeleza desses suaves dias paschoaes, que nos tocava as almas.

— Em que pensas, Regina?

— E tu em que pensas, meu João?

E olhavamos um para o outro — ambos com os olhos tristes!

Regressavamos enlaçados e mudos, represando na garganta a commoção prestes a romper em lagrimas. Na torre, o relogio batia os quartos, e Regina parava a escutá-los; e, com a face sorrindo doçura, dizia:

— Que lindo som!

Mas logo, presentindo maguas distantes:

— Hei de ter saudades delle!

E os seus gestos caíam desfallecidos...

No templo rezou chorando; deu esmolas; e no jardim cortou duas flores que guardou no seio. Jantámos sozinhos na sala vazia; e, simples, sentiamo-nos bons e amigos. Depois, descemos ao terreiro, debruçámo-nos do paredão, e, vendo ao longe o demorado poente, ficámos, de mãos dadas, calados, ouvindo os nossos cora-

ções bater e soffrer desse pungir de tristezas que nos amorosos enfiltra um penoso cair de dia. Regina murmurou com voz sumida:

— Tens saudades, meu João, dos nossos primeiros tempos nas Amoreiras?

— Se tenho!... Tanto amor!, respondi.

— Como poderiamos ter sido felizes!...

— ... parecia-me então a vida tão curta para viver comtigo!

— João, temos já soffrido tanto: salvemos o nosso amor!

— E' tarde!

— Não, quem sabe se ainda...

—Vês o sol na agonia?

Já as nevoas dos ribeiros se alastravam pelo valle. Nossas almas continuavam a soffrer em silencio. Vinhamos de sonhos lindos e vinhamos tristes; no entanto, Regina construia ainda..., mas já tão pobre de esperança que os leves sorrisos da face dorida lhe caíam na bôca intimamente mortificada. Tambem nas nossas

almas havia o crepusculo tragico de um dia que nos madrugara delicioso. E, assim recolhidos em nós proprios, como a enxugar saudades na luz a apagar-se daquelle maguado entardecer, pareciamos velhos, no fim da vida, rezando contas por filhos que nos morreram...

Caíam Trindades na torre.

— Tristes badaladas!, disse Regina. Que saudades terei de tudo isto!

....

*

* *

Chegámos de noite ao Porto. Eu seguia no dia immediato, cedo, para França, por Barca-de-Alva. Regina, sentindo aproximar-se a hora da despedida, mas ainda não inteiramente certa de que eu partisse, empregava os ultimos recursos para me deter. Nunca a sua alma foi tão terna,

nunca a sua alma foi tão excessiva na seducção:

— Só mais oito dias, meu amor! Tenho mil coisas a dizer-te que nunca te disse, carinhos que nunca te mostrei. Ninguem ama como eu! Verás... Só mais oito dias, meu amor!

....

De manhã, não tendo coragem de a acordar (ella dormia fatigada e linda), beijei-lhe ao de leve os cabellos e abalei.

Em Campanhã, estava o comboio quasi a partir, quando Regina entrou arrebatadamente na gare, procurando-me por toda a parte com o olhar espavorido. Viu-me, correu para mim e, trepando ao estribo, tomou-me sôfregamente as mãos:

— João, meu amor, não partas!

— Impossivel, Regina!

— João, eu fico só no mundo! Eu não tenho mais ninguem na vida senão tu. Vou ser uma desgraçada como nunca fui!...

E ficou-se, num espasmo de olhos, como se naquelle momento tivesse a visão de todas as suas miserias futuras. Depois, sorriu mortificada e, passando-me as mãos pela cara, disse com infinita ternura:

— Desce, desce, meu filho! Tu não sabes o que eu vou ser para ti, meu irmãozinho, não sabes!

Um empregado fechava as portinholas.

— Pela alma da tua querida mãe! Tem pena de mim, rogo-te!

Era uma supplica bem do fundo da alma: rogava com os olhos, com a bôca, com a face, com o gesto angustiado.

A sineta deu a ultima badalada da partida. Regina estremeceu arrepiadamente, deu um grito vivo de apunhalada — um grito para dentro; e, atirando para mim os braços desesperados, rouquejou num appêllo supremo:

— Salva-me, salva-me!

O trem já rodava. Ella, de mãos crispadas, agarrou-se á portinhola, como um

como cartas longas. Escritas durante a viagem e continuadas em Paris, são um constante repisar dos mesmos motivos: queixas, protestos de amor, recordações queridas, querellas pungentes, porque a amava e porque lhe fugia, ternuras de amor idealizado, frenesins de amor sensual, elogios cariciosos e censuras asperas, esperanças de novamente se juntarem, desalentos infinitos, e sobretudo e permanentemente a tragedia intima das lutas travadas no espirito do João, atropelando-se e contradizendo-se linha sim, linha não! Publicar tudo na integra seria talvez fastiento e com certeza demorado nesta altura. Portanto, recorto para aqui somente alguns periodos interessantes, isto é, expositivos da phase de espirito em que João se encontrava e que era, digo-o desde já, a de um consumido apaixonado! — MANOEL DO MONTE.

*

* *

Mais que uma ideia fixa, ella é um prego cravado no meu cerebro!

A amizade seguindo-se ao amor! Que

mentira! E como todos os que preparam rompimentos voluntarios, caem neste engano! Se o amor se transformasse em amizade, deixaria de ser amor, porque «no amor deixar de ser é nunca ter sido!»

O meu coração chora e revolta-se: com que direito o fazes soffrer tanto?

Porque muito tinhas soffrido, porque, mulher, vinhas de viver entre homens e delles supportar vicios e desprêzos, amei-te, para, amando-me, me dizeres quem eras: mas amando-te não pude mais conhecer-te!

Quiz pôr a minha vida ao serviço de uma vida e semeei na tua alma as illusões do amor.

Amei-me em ti. Procurei-me em ti. Dei-te o mais que tinha: a pureza dos meus sonhos; disse-te o mais que podia: os dialogos da minha alma. Leviano que

fui!—para tu a tratares como rodilha. Sabes lá o que tiveste nas mãos!

E de noite, na cama, com os olhos fechados, vejo-lhe a fita escarlate da bôca, como quem, na escuridão, vê a linha de fogo para que antes estivera a olhar demoradamente. E choro e mordo-me!

Uma tristeza fria sobe (màterialmente sobe) do fundo do meu ser e todo me perturba, me envenena, me aniquila! O entardecer mata-me! Nessa hora, tão dura agonia me aperta o coração que, se eu quizesse, me deixaria morrer!

Falei-te a linguagem que se fala ás noivas; e, amoroso, exagerei infinitamente as tuas qualidades e apouquei tanto os teus defeitos que quasi os não via. E para quê? E para quê?

Em cem annos de torturas não expias

o inferno que tens feito soffrer a este meu immundo coração que não sabe senão amar-te!

Não, não, tu não és culpada de nada. Eu é que me enamorei do impossivel!

Ingenuo confidente que tens o coração á beira da bôca, cala-te! Não escancares a alma aos que passam, que elles não a vêem; se a vêem, não a intendem; e se a intendem, lastimam-te — pungente favor! Cose a bôca e espera que com o tempo os teus segredos se habituem a guardar segredo, em ti envelheçam e morram.

Positivamente, essa criatura installou-se em mim! Tenho-a dentro da pelle! Ando com ella, penso com ella, sonho com ella! Não é uma mulher: é uma imagem, ou antes, uma ideia, ou melhor, um remorso!

E já me doía que os lindos gestos das

suas mãos lindas servissem coisas vulgares e andassem em olhos que os não intendessem...

Deixei-a quando a amava mais do que nunca!

Se encontro na rua uns olhos que se parecem com os olhos de Regina, volto-me para os vêr e sigo-os por toda a parte, como se a seguisse a ella propria. E eu não quero, mas olho; e prohibo-me de olhar, mas olho; e lá caminho sempre a olhá-los, sempre a amá-los, sempre a protestar commigo que não quero, que não devo, mas sempre no rasto delles — sempre a pensar nella!

Outras vezes, é alguem que a distancia, se parece com Regina, ou porque, na verdade, se parece, ou porque a distancia, a luz fazem com que se pareça. E eu que sei que, se procurasse ver esse alguem de outro sitio ou me aproximasse, tudo se

desfaria — não me desvio nem me aproximo, preferindo continuar enamorado desse engano! E, então, sinto de Regina uma saudade tão desesperada, que me queima os olhos!

Os Epictetos, os Marco-Aurelios, os Tolstoï, chegados á velhice, legislam sobre o amor, quando não teem a estorvá-los a festa da mocidade ou a explosão dos temperamentos poderosos. Legislam para velhos ou para... sobrehumanos.

E o que resta de tanto amor? A separação, a distancia, o silencio, a morte!

Emfim, cheguei a esta infernal conclusão: sou tão desgraçado com ella como sem ella!

Todo o dia senti que o vento me trazia o perfume do seu corpo; que cheirava a ella: — que a tinha commigo!

*
* *

«João: *

Ha um mês (fê-lo hontem!) que em Campanhã me deu o maior desgôsto de toda a minha vida, e que eu lhe perdôo pelo muito que lhe quiz. Estive quasi a fazer uma grande loucura, mas lembrei-me de que precisava de viver para alguem, e tenho vivido, se se chama viver a este permanente soffrimento! Não sei onde esta o encontrará. Dizem-me que está em França; ora, como pode muito bem ser que um

---

* João estava ainda em Paris. Para lá enviei esta carta que Regina me mandara para elle e que mostra que ella não intendera o motivo da fuga do João, nem as intimas lutas que o mortificavam; e tal coisa não podia, na verdade, intender esse vivo temperamento de mulher, que não admittia no amor senão acção e só acção. — MANOEL DO MONTE.

dia, e breve, nos encontremos por ahi, venho dizer-lhe, com lealdade, que tomei um novo amante — um bello rapaz que me adora, e de quem já gósto o bastante para conseguir com elle, que é rico e alegre, esquecer-me de si. Não sei curar-me de outro modo. Emfim, aqui me tem outra vez como me encontrou! Seja feliz.

Regina.»

*

* *

Corri a Lisboa, e, no mesmo dia em que cheguei, soube que Regina saíra da «Trindade», fizera leilão da casa das Amoreiras, se installara num 2.º andar do Chiado, e partira havia dias para Espanha com um tal Costa, rapaz brasileiro, hospede do «Internacional», e muito nas vistas nos theatros e em ceias espalhafatosas.

No dia seguinte parti para Madrid; e depois de subir e de descer as escadas do

«Hotel de Paris» em busca delles, soube, no escritorio do «Hotel de la Paix», que esse *matrimonio* fôra para S. Sebastião; mas na gare do Norte o corretor do mesmo hotel affirmou-me que elle proprio lhes despachara as bagagens para Salamanca. Cheguei ahi de noite, e de noite a procurei nos cafés da *Plaza Mayor* e em varios hoteis. Na «Fonda del Commercio» deram-me a vaga noticia de terem ido alli dois estrangeiros procurar quartos; e como nesse dia houvera uma corrida de novilhos em Valladolid logo um obeso criado, de cara rapada e guardanapo debaixo do braço, se intrometteu na conversa para alvitrar que poderiam ter ido para lá. Pensei em seguir para Valladolid, porém, ao comprar o bilhete, decidi-me por S. Sebastião. Em S. Sebastião não consegui noticias, mas no «Inglaterra», de Biarritz, informaram-me de que Mr. e M.me Da Costa, *brésiliens*, tinham partido havia quatro dias para Lourdes, e que a essa hora

deviam estar em Tolosa, de caminho para Bordéos, onde — disseram — tencionavam tomar o expresso de Paris. Impaciente, não querendo ir esperá-la a Bordéos, corri a Lourdes, e mal tinha, no dia seguinte, poisado os pés no caes dessa estação, logo ahi soube, pelo corretor dos «Embaixadores», que *ces espagnols* haviam seguido no rapido da manhã para Pau. Regressei acto continuo, e ao entardecer desse dia estava eu no atrio do «Gassion», em Pau, lendo, no quadro dos hospedes, os nomes de Mr. e M.^{me} Da Costa, ainda humidos de tinta. Desci á sala, e espreitando por cima de um biombo, vi Regina a uma pequena mêsa, frente a frente de um esguio rapazola loiro, penteado á inglêsa, com uma orchidea no *smoking*. Regina estava decotada, trazia flôres incarnadas na blusa de rendas pretas, e tinha os cabellos curtos e pintados côr de mogno envernizado! Riam ambos ás gargalhadas. Subi ao corredor, e escre-

vi, á pressa, nas costas de um cartão meu: «Quero fallar-te immediatamente».

Regina veio logo:

—Que é isto? disse ella apavorada de surpresa!

—Não ha tempo a perder: partamos já, respondi.

Regina correu ao seu quarto e, num instante, voltou embrulhada numa capa, segurando ainda o véu e os pregos do chapéu. Descemos a toda a pressa as escadas do hotel. Passou um trem. Corremos para elle, mandámos galopar para a estação e enfiámos precipitadamente num comboio que ia seguir (soubemos já em marcha) para Bayona!

—Mas que é isto, João, que é isto?...

—Regina, a minha Regina outra vez nos meus braços!

E todas as nossas explicações foram beijos e doidos extases de amor! Nunca o tempo nos correra tão veloz! Tudo aquillo tinha um tão estonteante perfume de

aventura, que as nossas almas se embebedavam de romanticismo. Alucinados, a nossa vontade era que o comboio não parasse nunca, nunca, atravez do mundo, e e que nós fossemos, assim enlaçados, esquecidos, felizes pela vida fóra! Jámais se fizera uma reconciliação tão frenetica de desejos e de poesia!

Quando chegámos a Bayona, depois de duas horas de marcha, tivemos a estranha sensação de que haviamos viajado apenas quinze minutos; e sentiamos nas bôcas a mesma sofreguidão de beijos, que tinhamos, horas antes, no primeiro momento do nosso encontro.

Chovia e fazia frio nessa nevoenta noite que parecia de inverno; e batendo os pés entorpecidos no asphalto molhado da humida gare de Bayona, notámos então que nenhum de nós tinha agasalhos: a mim tinha-me esquecido tudo, e Regina, áparte a capa em que se embrulhara á pressa,

estava em sapatos de baile, vestida de rendas e decotada como se sentara á mêsa de jantar do «Gassion!» Unidos dentro de um trem fechado, atravessámos as ruas tristes da velha Bayona. No hotel, mandámos accender lume no quarto, e, durante a ceia, ao fogão, prolongou-se o nosso delirio!

....

Oh, mas como se extinguiu depressa aquella ephemera chamma dos nossos falsos enthusiasmos! Veio a fadiga e a analyse, e mataram tudo! Notei que Regina mudara de perfume; que a voz estava um tanto rouca; e que nas suas maneiras, no seu rir e no modo de pronunciar as palavras e de atacar phrases havia um ar de alegria e de independencia para mim desconhecido. Depois, os cabellos curtos e pintados mudavam-lhe a phisionomia; e, assim pensando, expliquei a mim mesmo que a minha embriaguez fôra, em grande parte, causada pelo desconhecido que para

mim ainda havia nella. Olhava-a nos olhos, e não a encontrava! Ao afagar-lhe as mãos, vi que não tinha uma unica joia das que eu lhe conhecia, nem mesmo a alliança dada nas Amoreiras, em certa louca noite de amor. Regina seguia-me a vista e os pensamentos:

— Muitas joias, não? Talvez de mais?

Fiz com a cabeça que sim, tristemente.

— Ah, filho, quando não amo, exijo tudo, porque nada basta para me pagar. Comtigo só exigia amor.

— Como te deixei, e como te encontro!

— Amando, sou uma, não amando, não tenho respeito por mim, por pessoa nenhuma — por nada! O que me merecem os homens?

Depois, pela noite fóra (ouviamos bater a chuva nas vidraças) tudo foram recriminações de parte a parte:

— Deixaste-me como se deixa uma criada!

— Não te deixei, fugi de ti!

— Deixaste-me, retorquiu Regina irada.

— E' falso!

Na sua vaidosa alma de mulher fermentava ainda aquelle fundo despeito, jamais esquecido, de eu a ter deixado:

— Não se deixa assim a mulher que nos ama. E's um canalha como os outros.

— Regina!

— Não te perdôo!

— Nem eu as tuas traições.

— Nunca te atraiçoei.

— Mentes!

E como em mim ia crescendo a febre das coleras lentas e fundas de outrora, como outrora apunhalei-a, devagarinho, rasgando-a, rasgando-me!

Regina, exasperada, rugia:

— Quando acabará este inferno?

— Emquanto eu te amar e te odiar!

— Deixa-me partir.

— Para o outro?

— Sim!

— Primeiro hei de morder-te e rasgar-te o corpo aos bocadinhos!

E as minhas mãos crispadas retinham-na rancorosamente pelos pulsos. Regina, os dentes cerrados de encontro aos meus dentes, a bôca na bôca, sibilava-me:

— Covarde! Covarde!

Num repellão, atirei-a para cima do sofá. Agitadissimo, os meus passos esmagavam o tapete. A garganta ardia-me de colera. Batendo os dentes enraivecidos, disse-lhe, num sarcastico sorriso:

— Esperaste um mês, e bastou!

Mas ella retorquiu pronta: *

— Esperaria toda a vida, se me amasses.

— E quem te disse que não te amo hoje como no primeiro dia em que t'o disse? Nunca me comprehendeste!

— Tu é que nunca soubeste quem eu era. Tu é que nunca intendeste o meu grande amor por ti, e não soubeste fazer

---

* E sincera. — Manoel do Monte.

de mim a companheira de toda a tua vida. O meu amor valia alguma coisa.

— O amor de uma... *cocotte!*

— Por isso mesmo, atalhou ella vivamente. E deixaste-me!

— Porque te amava de mais.

— Se me amasses, nunca me desprezarias.

— Acaso amo outra?

— E eu?

— E tu!

— Divirto-me.

— Por ventura tomei eu uma amante, como tu, cadella?

— Para te esquecer!

— Mentes.

— Deixa-me! deixa-me! Estou farta de ti. Estou farta desse diabolico feitio que me roubou annos de vida num amor desgraçado. Não quero ver-te nem mais um instante!

E fugiu pelo corredor. Corri atrás della, segurei-a pelos vestidos e arrastei-a para

dentro do quarto; e, sentindo que de novo a perdia, uma subita commoção me agoniou derepente o peito, fazendo-me cair a seus pés, convulso e supplicante:

— Perdôa, Regina, perdôa! Eu sou um desgraçado!

E amarrei-me ás suas saias, soluçando perdidamente. Então ella, serenada e sempre em pé, disse-me fria:

— João, vou dizer-te toda a verdade: isto acabou. Acabou de vez. Já te não amo.

Subito, as lagrimas seccaram-se-me nos olhos pasmados, e um interior empuxão me fez erguer de um salto; mas ella, sempre calma, continuou:

— Sim, João, esta experiencia foi a ultima: sinto bem que nem já as tuas palavras me endoidecem, nem o teu corpo já me excita como outrora. Está tudo morto e bem morto!

Furioso, cravando os meus olhos nos seus olhos, gritei-lhe:

— Amas o outro?

Regina calou-se, mas o seu olhar penetrante não se desviava do meu.

— Dize, rugia eu; e todo o meu corpo era uma imminente ameaça sobre o seu corpo!

Mas ella, certa de que o seu silencio me apunhalava, retinha perversamente a resposta, emquanto com o olhar me perscrutava até o fundo da alma, certificando-se do que se passava nella. Por fim, como eu em colera insistisse na pergunta, disse, energica e temeraria:

— Sim, amo-o.

Então, desvairado, corri sobre ella, levei-a de encontro ao sofá, puz-lhe um joelho no ventre e agarrei-a furiosamente pelo pescoço, para a estrangular. Regina, os olhos esgaseados, a bôca torcida, gritava, rouca; e, lutando, rolou para o chão enrodilhada nos vestidos. Escapou-se-me por um momento, mas de novo lhe agarrei o pescoço, tenaz, até que vendo san-

gue na bôca e na face desmaiada, gritei desesperado:

— Matei-a!

Mas as minhas mãos convulsas, involuntarias, seguravam-na ainda; e eu não ligo agora ideias sobre o mais que se passou...

....

Por fim, supondo-a morta *, levantei-a do chão, pu-la na *chaise-longue;* e uma horrivel crise de chôro me abalou despedaçadamente, ao mesmo tempo que tentava mil esforços para a reanimar:

— Não morras, meu amor! Regina, minha Regina, eu amo-te como um doido! Não me fujas. Eu não posso viver sem ti. Regina! Regina! Não morras! Não morras, meu amor!

---

* Regina disse-me mais tarde: «Vi-me assassinada ás mãos do João. Se não temo o expediente de me fingir morta, elle, com certeza, dava cabo de mim nessa noite!» — Manoel do Monte.

E beijava-a nos labios, e dentro da bôca, nos olhos, nos cabellos, soluçando desesperado:

— Matei, matei a minha alma!

Na minha afflição, esmurrava a testa, as fontes; e num momento, absolutamente perdido, atirei-me contra a janela do quarto, para me precipitar desse terceiro andar.

Regina ergueu-se derepente e, segurando-me quando eu ia a saltar, gritou-me:

— João, eu amo-te. João, menti-te. Tu, só tu és o meu amante. Unico! Toda a vida! João, meu João!

Alucinada, apertava-me contra o peito, sugando-me a bôca com beijos sôfregos.

— Minha vida, minha vida! dizia-me Regina a desmaiar de amor.

E a noite (noite de beijos e de lagrimas tragicas, de coleras e de alegrias divinas) foi toda nestas violencias, nestes protestos de perdão, nestas furias de cari-

nho a que se seguiam novas offensas, novas represalias e tambem novos beijos e novas punhaladas nos nossos corações estrancinhados pelo odio e pelo amor! Por fim, cansados de insultos, inutilizados, começámos, tristissimos, a recordar os nossos mais felizes dias; e não faltou nenhum querido pormenor: os lindos projectos, feitos nos primeiros tempos, de vivermos nos arredores de Lisboa, numa pequena quinta tranquïlla; os nossos serões nas Amoreiras, sentados no colo um do outro, as faces encostadas, os braços passados aos pescoços, lendo juntos novellas de amor, interrompidas para, em silencio, nos beijarmos na bôca e nos olhos commovidos; as nossas brincadeiras infantis; as nossas puras commoções ao irmos, de noite, pelos bairros pobres, levar esmolas a desgraçados; os primeiros olhares que trocaramos; as primeiras palavras que nos dissemos; os primeiros beijos que nos demos; e tudo, tudo que no

nosso passado havia de feliz e de suave foi recordado com esse amargo gôsto de viver, ainda uma vez, aquillo que foi bem vivido e sempre nos traz sorrisos. Mas quando as nossas lagrimas estavam mais prêsas da mesma commoção, e as almas mais confundidas, Regina teve subitamente um vivo movimento de insubordinada altivez e bradou revoltada e resoluta:

— Ah, cá estamos outra vez no periodo das lagrimas! Basta. Não quero soffrer mais. E's como os outros. Que te devo? Nada. Que devo aos homens? Isto: — ser uma *cocotte!* Exploradores! O meu corpo, a minha alegria, a minha bondade, as minhas maluqueiras — são vossas. Todos se riem das minhas illusões e todos me pegam os seus vicios. Pulhas! No principio, sempre a mesma cantata, depois o mesmo deboche. Egoismo e só egoismo. Piedade? Qual! Generosidade? Nem migalha! Nunca pensaste senão em ti. Que eu soffresse, que me matasse? Historias! Mu-

lher ás ordens, e que eu fosse como te fazia geito que fosse...

Interrompia-a, quebrando essa onda de palavras e de gestos violentamente atirados por ella á minha cara:

— Que o meu amor te melhorasse a alma e t'a mudasse, foi o que eu quiz.

Então, Regina estacou diante de mim e, martelando as palavras, sylaba a sylaba, respondeu-me irada e orgulhosa:

— Não posso mudar. Sou quem sou. Sou assim. Amo-te a meu modo. Como sei. Como posso.

Depois, cada vez mais revoltada e impetuosa:

— Quando vim para as tuas mãos, já sabias quem eu era: não me acceitasses. Se eu te amo com todos os teus defeitos porque me não amas tu com os meus? Meus? Não são meus: são deste, daquelle — de todos os homens que teem passado por mim! A culpa não é minha. E' delles. Mas eu amo-te; e este amor

nesta lama deve valer mais, muito mais do que o amor das meninas virgens que vivem nas saias das mães, e que nunca souberam o que são as baixezas da vida e os pontapés dos homens! E como m'o pagas tu? Desprezando-me! E's um canalha. Pior que os outros, mil vezes pior. Acabou-se. A minha vida ha de ser o que tiver de ser. Quero a minha liberdade!

E, nervosa, apertava á pressa os vestidos, para partir.

Rindo e soffrendo, insultei-a sem piedade:

— Liberdade! Já cá me faltava esse grito da Carmen! Sois todas as mesmas criaturas sensuaes e inconstantes! Nunca me amaste. Nunca amaste ninguem. O teu amor é vicio e só vicio!

Regina, de improviso apunhalada no coração pela palavra vicio, soltou um grito para dentro, e absolutamente fóra de si, rugiu colerica:

— Miseravel! Idiota! Tudo admitto, tu-

do, menos o insultares o meu amor por ti. Nem mais uma palavra. Foge-me da vista! Já, já!

Em pé no meio do quarto, o olhar a arder, repetia com voz rouca e gesto desvairado:

— Já, já!

A sua exaltação chegara ao auge. Rasgava-se, mordia-se. Num momento, escancarou para mim os olhos redondos e parados de espanto, e, com gestos arrepiados de terror, como se eu fosse para ella um espectro de morte e de nojo, recuou até a parede, rouquejando enjoada, sempre com os olhos fitos em mim:

— Os homens, os homens — que estrumeira!

E as suas feições estavam desmanchadas pelo asco; o olhar era nauseado; e a voz trazia as convulsões do vomito. Empinou o corpo, crescendo pela parede acima; torceu os braços e o pescoço, como endemoninhada; entaramelou ainda umas

palavras, e, derepente, caiu desamparadamente no chão. Corri para ella; arrastei-a até a cama; e, ao fim de mil esforços, consegui reanimá-la. Tinha os olhos em branco; as palpebras trementes; e pela bôca entreaberta dava pequeninos ais doridos. Beijei-a longo tempo. Por fim, Regina ficou-se em torpor e, fatigadissima, adormeceu como uma criança.

No fogão crepitavam as ultimas achas.

Quando no dia seguinte, tarde, acordei e estendi os braços para a abraçar, só encontrei vazio e frio no lado da cama em que ella tinha dormido: Regina fugira de madrugada.

Nota final de Manoel do Monte

Terminam aqui os papeis do João Eduardo, mas não terminou a historia dos seus amores. João, depois dessa noite de Bayona, voltou a Portugal e esteve commigo algumas semanas em Vizella, na pacata hospedaria da «Mariquinhas». Logo no primeiro dia lhe lancei o vizinho Mendes, a ver se este amigo lhe pegaria um pouco daquella sua admiravel serenidade. Tambem o levei ao meu brusco sapateiro, para que o João, solidamente calçado, pudesse arriscar-se ás nossas caminhadas, entre mattos duros e campos orvalhados; mas permanentemente reconheci que uma dôr teimosa se intromettia no pensar e no rir do meu infeliz amigo!

Um dia, nenhum de nós teve mão no João, e elle lá partiu para Lisboa. Pouco

se demorou alli: foi-se a uma longa viagem aos mares do Oriente. Tenho desse periodo cartas entrelinhadas das mortificações do seu doce espirito — soffrer disfarçado, pois o João sempre teve pudor das miserias da sua alma. Havia, porem, um «motivo» que elle expunha sem rebuço: o fastio de viver! «Isto está visto!» — era a sua phrase predilecta. De onde a onde, eu tentava cauterizar essa ferida chronica, mandando-lhe postaes com listas de nomes dos amantes que successivamente iam passando pelo coração e pela cama da sua Regina! Mas elle não me respondia.

Emfim, galoparam annos sobre estes amores, quando uma noite em Lisboa (tinha o João chegado de Hamburgo), ao regressarmos do theatro da «Trindade», onde Regina, com grande triumpho, e deslumbrando sempre com a sua inalteravel jovialidade, cantava uma opereta nova; — uma noite em Lisboa, esse misero amoroso

teve a meu lado, no caes de Sodré, uma tão violenta crise de chôro e desespero, que profundamente me surprehendeu e me apiedou!

— Meu amigo, dizia-me João amarguradissimo, ha annos que não via Regina, mas esta mulher fascina-me hoje como dantes!

E alli me confessou, abertamente, o que durante tanto tempo incubara para me dizer: a sua vida tinha sido um permanente horror:—a imagem de Regina roia-lhe a alma minuto a minuto!

— O amor destas mulheres, dizia, estraga-nos a alma para sempre!

Nem o tempo, que tudo mata, matara esse amor que tinha a principal caracteristica dos amores fataes: era insensato!

Falou muito, desabafou muito, entre soluços e lagrimas. Das mil tempestuosas coisas que me disse, ficaram-me nos ouvidos estas phrases — synthese de uma situação desesperada: «Isto é um

irreductivel. Regina é a minha obsessão. Sou um homem inutilizado. Energias, foram-se a baixo. Brios, perdidos. Protestos sagrados passei por cima delles. Um trapo — a minha alma. Só ha uma solução: liquidar!»

Confesso que diante deste facto de amor-paixão cruzei os braços com profundo respeito: aquillo era um grande erro de raça!

No dia seguinte, um jornal da noite dava, num «á ultima hora», a noticia, de que João Eduardo se suicidara, essa mesma tarde, num quarto do «Hotel Central», dando um tiro de revolver no ouvido direito. Conduzido immediamente em trem ao hospital de S. José, fallecera no caminho. O cadaver fôra removido para a *morgue*.

FIM